

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**

ADRIANO ALBUQUERQUE BARRETO

**O DISCURSO CARISMÁTICO E A ROTINIZAÇÃO DO CARISMA NA SKATE
PLAZA DO COMPLEXO AMBIENTAL GOVERNADOR MANOEL RIBAS -
PONTA GROSSA - PR**

PONTA GROSSA

2012

ADRIANO ALBUQUERQUE BARRETO

**O DISCURSO CARISMÁTICO E A ROTINIZAÇÃO DO CARISMA NA SKATE
PLAZA DO COMPLEXO AMBIENTAL GOVERNADOR MANOEL RIBAS -
PONTA GROSSA - PR**

Dissertação, apresentada como requisito parcial para obtenção de título de Mestre ao Programa de Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas – Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação – Universidade Estadual de Ponta Grossa. Área de concentração: Cidadania e Políticas Públicas.

Orientador: Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior

Co-orientadora: Prof. Dra. Solange Aparecida Barbosa de Moraes Barros

PONTA GROSSA
2012

Ficha Catalográfica Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

B273d Barreto, Adriano Albuquerque
O discurso carismático e a rotinização do carisma na Skate Plaza do complexo ambiental Governador Manoel Ribas – Ponta Grossa-PR / Adriano Albuquerque Barreto. Ponta Grossa, 2012.
94 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas),
Universidade Estadual de Ponta Grossa.
Orientador: Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior.
Coorientadora: Profa. Dra. Solange A. B. de M. Barros.

1. Skate. 2. Skate Plazas. 3. skatista de rua – identidade. I. Oliveira Junior, Constantino Ribeiro. II. Barros, Solange, A. B. de M. III. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas. IV. T.

CDD: 306.483

TERMO DE APROVAÇÃO

ADRIANO ALBUQUERQUE BARRETO

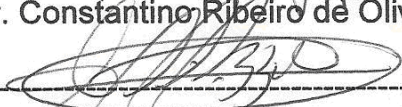
"O DISCURSO CARISMÁTICO E A ROTINIZAÇÃO DO CARISMA NA SKATE PLAZA DO COMPLEXO AMBIENTAL GOVERNADOR MANUEL RIBAS – PONTA GROSSA-PR."

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

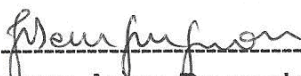
Assinatura pelos Membros da Banca:



Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Jr. - (UEPG) – Presidente



Dr. Fernando Marinho Mezzadri – (UFPR)



Dra. Jussara Ayres Bourguignon – (UEPG)

Dr. Luiz Alexandre Gonçalves Cunha - (UEPG) – Suplente

*“Dedicada a cada poeta da cidade.
Dedicada a cada atleta da cidade.
Dedicada a cada ser humano da cidade,
que cultiva a liberdade no concreto da cidade.”*
(Instituto – Poesia de Concreto)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela graça, pela orientação e pelo incentivo. Sua Palavra me conduz em triunfo. Aprendi a olhar além, a ver melhor e a confiar em Ti.

Não posso deixar de agradecer a Igreja. A imagem que tenho dela é sempre de uma luz que se derrama pelo mundo. “Vós sois a luz do mundo”, foi o que disse Jesus.

À minha família nem tenho o que dizer. Tudo que sou e que tenho começou em casa. Deus ainda vai terminar a boa obra que começou em mim e em minha casa.

Agradeço também a meus amigos. Especialmente, a galera do skate. Obrigado por tudo.

Professor Constantino, agradeço pela paciência. Haja paciência com meus textos! Deu-me a tranquilidade que eu precisava para realização desse trabalho.

Professora Solange, espero não tê-la decepcionado. Acreditou em mim sem nem me conhecer. Fica aqui meu reconhecimento.

Por fim, agradeço aos colegas de Universidade, aos professores e professoras. Todos vocês fazem parte de meu processo de formação intelectual.

Obrigado a todos pela inspiração!!!

“O saber ensoberbece, mas o amor edifica.”

1 Coríntios 8:1

RESUMO

As Skate Plazas surgem no início dos anos 2000 como um modelo possível na construção de pistas de skate. Este modelo surgiu na perspectiva de uma construção cada vez mais semelhante dos lugares que se encontram nas ruas das cidades. Até então além dos obstáculos mais comuns encontrados nas ruas, como os caixotes, os trilhos e as escadas, as rampas faziam parte das pistas que vinham sendo construídas. Nos modelos mais recentes de Skate Plaza vemos com menor intensidade a este tipo de obstáculo. Hoje, na construção das Skate Plazas, se privilegiam caixotes, escadas, gaps e trilhos. Temos entendido que a modalidade *street skate* nestes últimos dez anos vem sofrendo transformações com relação as técnicas e mesmo com relação a construção da identidade do skatista de rua. Neste sentido, em Ponta Grossa, alguns skatistas ligados às décadas de 80 e 90 ainda tem as rampas como um obstáculo fundamental para a prática do skate de rua, enquanto outros, dizem acompanhar a tendência Skate Plaza. A construção de uma pequena Skate Plaza no ano de 2011 no Complexo Ambiental Governador Manoel Ribas acabou criando uma situação desconfortável aos skatistas de Ponta Grossa. A tendência assumida na construção dos obstáculos acabou não agradando alguns skatistas que ainda entendem as rampas como obstáculo fundamental para a prática do skate. Sendo assim, tem-se por objetivo analisar a argumentação destes dois grupos de skatistas, enfatizando a atuação dos skatistas que se identificam com as Skate Plazas, visto que as obras se pautaram nas opiniões deste grupo skatistas. Para a obtenção dos dados, além da observação participante, foram utilizadas entrevistas abertas a partir das quais se procurou entender a posição assumida pelos skatistas com relação a Skate Plaza construída. As observações e entrevistas foram realizadas entre o mês de setembro do ano de 2011 e o mês de janeiro do ano de 2012. Com base no referencial teórico de Norbert Elias e com base em informações veiculadas por revistas e vídeos especializados na temática skate, pretende-se explorar as interpenetrações e interdependências do skate local que acabaram por caracterizar o espaço com a Skate Plaza e ainda investigar as implicações desta obra pública para o grupo de skatista local.

Palavras Chave: skate, skate plazas, skatistas, grupos.

ABSTRACT

The Skate Plazas emerge in the early 2000s as a possible model to build skating rinks. This model came with a view to building ever more like the places that are on city streets. Until then beyond the most common obstacles found on the streets, as the boxes, rails and stairs, ramps were part of the tracks that were being built. On newer models Skate Plaza with less intensity we see this type of obstacle. Today, construction of Skate Plazas, if favor boxes, stairs, gaps and rails. We understand that modality street skate past decade has undergone transformations regarding the techniques and even with respect to the identity construction of the street skater. Thus, in Ponta Grossa, some skaters linked the 80 and 90 still have the ramps as a fundamental obstacle to the practice of street skating, while others say follow the trend Skate Plaza. The construction of a small Skate Plaza in 2011 in Complex Environmental Governor Manoel Ribas ended up creating an uncomfortable situation for skaters of Ponta Grossa. The trend assumed in the construction of barriers not just pleasing some skateboarders who still understand the ramps as a major obstacle to the practice of skateboarding. Therefore, we have to analyze the arguments of these two groups of skaters, skateboarders emphasizing the action of identifying themselves with the Skate Plazas, since the works were based on the opinions of this group skaters. To obtain the data, and participant observation, interviews were open from which we sought to understand the position taken by skateboarders regarding Skate Plaza built. The observations and interviews were conducted in the month of September of the year 2011 and the month of January 2012. Based on the theoretical framework of Norbert Elias and based on information published by magazines and videos specializing in themed skateboard, we intend to explore the interrelationships and interdependencies of the skate spot that eventually characterize the space with the Skate Plaza and further investigate the implications of this public work for the group of skater site.

Keywords: skate, skate plazas, skateboarders, groups.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Imagem parcial do Complexo Ambiental Governador Manoel Ribas.....	36
Figura 2	Imagem dos blocos de granito ao lado do antigo depósito de cargas	38
Figura 3	Imagem das escadas que ficam ao lado da Estação Ponta Grossa.....	38
Figura 4	Espelho d'água.....	39
Figura 5	Lateral do Parque Ambiental.....	39
Figura 6	Apropriação dos skatistas da Pista de Patinação no Complexo Ambiental (2010).....	40
Figura 7	Imagem da Pista do Núcleo Rio Verde.....	41
Figura 8	Imagem de uma competição realizada na Pista do Núcleo Santa Paula.	41
Figura 9	Espaço dos skatistas revitalizado pela prefeitura.....	42
Figura 10	Um dos skatistas locais da Love Park e dos vasos que procuraram inviabilizar os espaços utilizados pelos skaters.....	59
Figura 11	Capa do vídeo-revista que evidencia os laços de interdependência construídos na Love Park.....	60
Figura 12	Imagem da Praça Roosevelt.....	62
Figura 13	Imagem do Vale do Anhangabaú.....	62
Figura 14	Imagem da Praça Frederico Ballvé.....	63
Figura 15	Imagem apresenta o modelo Skate Plaza. Esta foi a primeira Skate Plaza inaugurada no ano de 2005 e fica localizada na cidade de Kettering, no estado de Ohio, Estados Unidos.....	64
Figura 16	Capa do vídeo-revista que conta a história da primeira Skate Plaza construída pela Fundação Dyerdek.....	65
Figura 17	A Praça CWB.....	66

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
 CAPÍTULO 1 - OS RECURSOS DA SOCIOLOGIA CONFIGURACIONAL	20
1.1 NOTAS SOBRE A SOCIOLOGIA CONFIGURACIONAL.....	20
1.2 OS MODELOS DE JOGO: UMA POSSIBILIDADE DE COMPREENSÃO DA SOCIOLOGIA DE NORBERT ELIAS.....	23
1.3 NORBERT ELIAS E ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DE GRUPOS.....	30
 CAPÍTULO 2 - A SKATE PLAZA NO COMPLEXO AMBIENTAL GOVERNADOR MANOEL RIBAS.....	36
2.1 O SKATE NO COMPLEXO AMBIENTAL GOVERNADOR MANOEL RIBAS.....	36
2.2 A TENDÊNCIA SKATE PLAZA NO COMPLEXO AMBIENTAL GOVERNADOR MANOEL RIBAS.....	42
 CAPÍTULO 3 - AS CONFIGURAÇÕES DO SKATE DE RUA E O MODELO SKATE PLAZA.....	50
3.1 DESVENDANDO A CONFIGURAÇÃO: AS INTERPENETRAÇÕES E AS INTERDEPENDÊNCIAS AO LONGO DA FORMAÇÃO DO GRUPO SOCIAL DOS SKATISTAS.....	50
3.2 O SKATE, CONSTITUIÇÃO DE MODALIDADES E OS ESPAÇOS DE PRÁTICA.....	51
3.3 A CONQUISTA DAS PRAÇAS E O CONCEITO SKATE PLAZA.....	57
3.4 AS INTERPENETRAÇÕES E INTERDEPENDÊNCIAS DA SKATE PLAZA DO COMPLEXO AMBIENTAL.....	67
 CAPÍTULO 4 - O CAMPO DE EXERCÍCIO DE PODER NA CONFIGU- RAÇÃO DO SKATE NO COMPLEXO AMBIENTAL GOVERNADOR MANOEL RIBAS – COMO SE DÁ A ATUAÇÃO DO GRUPO	

ESTABELECIDO A PARTIR DE UM EVENTO LOCAL.....	71
4.1 AS INTERDEPENDÊNCIAS, AS INTERPENETRAÇÕES E O USO DIÁRIO DE RECURSOS DE PODER.....	71
4.2 ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE E OS EVENTOS COMO RITUAL DE INTERAÇÃO: NOTAS DAS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS DOS SKATISTAS NA CIDADE DE PONTA GROSSA.....	72
4.3 A AUTENTICIDADE DO GRUPO ESTABELECIDO.....	75
4.4 O EVENTO RECREATIVO: UMA REFERÊNCIA AO DISCURSO DO GRUPO ESTABELECIDO.....	78
4.5 A TRILHA SONORA DO EVENTO CARISMÁTICO.....	80
4.6 A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO CARISMÁTICO NA SKATE PLAZA DO COMPLEXO AMBIENTAL.....	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS.....	92
APÊNDICE 1 - ROTEIRO BÁSICO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS...	94

INTRODUÇÃO

A produção acadêmica sobre o skate no Brasil ainda é escassa. Grande parte dos trabalhos datam o início do século XXI e marcam especificamente a segunda metade da primeira década. Em nosso levantamento bibliográfico, apenas duas obras se destacam como pioneiras na abordagem da temática skate em um período anterior a este recorte temporal dos anos 2005 e 2010. Isso sem considerar as revistas e os vídeos que já há muito tempo faz parte da literatura referente aos skatistas. O primeiro trabalho que temos acesso é *“Análise dos skatistas do ABC Paulista”* realizado por Ricardo Ricci Uvinha (1997). A dissertação de mestrado de Uvinha foi defendida ainda no ano de 1997 e logo se tornou um livro chamado *“Juventude, Lazer e Esportes Radicais”* no ano de 2001. Além deste trabalho acadêmico, foi possível o acesso a um dos testemunhos mais importantes no que se refere ao skate nacional no livro *“A Onda Dura: 3 décadas de skate no Brasil”* (BRITTO, 2000). O livro *“A Onda Dura”*, além de contar com fotografias, as quais atestam a potencialidade artística do skate como cultura urbana no Brasil, conta com artigos assinados por alguns skatistas que experimentaram o skate, principalmente durante as décadas de 1970, 1980 e 1990.

Essas duas referências evidenciam, como o título do livro *“A Onda Dura”* já indica, o atraso de três décadas da academia em relação a uma atividade que toma as ruas com mais efetividade no Brasil desde os anos 1970. Apesar disso, na segunda metade desta primeira década dos anos 2000, já se tem um bom número de pesquisadores que vem se dedicando a explorar a cultura do skate. Em nível de mestrado, por exemplo, há entre os principais destaques os trabalhos de Tony Honorato (2006), de Leonardo Brandão (2007), de Billy Graeff Bastos (2006), de Mauricio Bacic Olic (2010) e de Giancarlo Machado (2010). Em nível de doutorado, há como trabalho principal, a tese de Márcia Luiza Machado Figueira (2008) em um estudo sobre o skate feminino.

Recentemente, no Brasil, foram lançados mais dois livros sobre o skate. Exatamente depois de uma década do livro de Uvinha (2001), Leonardo Brandão (2011), com o livro *“A Cidade e a Tribo Skatista: Juventude, Cotidiano e Práticas Corporais na História Cultural”*, vêm contribuir para a reflexão especializada dos estudos que têm como tema de pesquisa o skate. Outro livro recente, este organizado por Brandão e Honorato (2012), chamado *“Skate e Skatistas: Questões*

Contemporâneas”, já no ano de 2012, traz artigos dedicados especificamente a temática skate. Mesmo assim, como já dissemos, entendemos que as produções visuais como revistas, vídeos, além dos próprios skatistas que são fontes vivas das experiências culturais proporcionadas pelo skate, continuam a ser o principal referencial para quem ousa se dedicar ao estudo deste tema ainda incipiente.

Os trabalhos até então realizados demonstram o caráter interdisciplinar das pesquisas que se propõem a estudar sobre o skate, e ainda demonstram uma variedade de caminhos que podem ser trilhados. A Educação Física, a Antropologia, a História e a Sociologia são as principais disciplinas que tem contribuído para debate em torno da temática. A respeito das temáticas exploradas pode-se destacar: O skate e a escola, o skate e a cidade, o skate feminino, a cultura do skate, o grupo de skatistas e o mundo profissional dos skatistas patrocinados.

O trabalho que segue, dará ênfase principalmente ao foco cultura do skate e grupo de skatistas. A Sociologia faz parte do referencial teórico para este estudo que se propõe explorar a configuração dos skatistas do Complexo Ambiental Governador Manoel Ribas, na cidade de Ponta Grossa-PR. Cabe aqui, já delimitar também, nossa escolha pela Sociologia Configuracional de Norbert Elias, sendo que o levantamento de categorias para análise do trabalho empírico é fundado em seus livros *“Introdução à Sociologia”* (2008) e *“Os Estabelecidos e os Outsiders”* (2000).

O livro *“Introdução à Sociologia”* possibilitou uma aproximação mais ampla da especificidade do trabalho de Norbert Elias. Os subitens, *Notas sobre a sociologia configuracional* e *Os modelos de jogo: uma possibilidade de compreensão da sociologia de Norbert Elias*, sintetizam nosso esforço de apreensão teórica da perspectiva eliasiana. Fundamentalmente, esperamos demonstrar a pertinência da sociologia de Norbert Elias para o estudo que se segue. Principalmente, no que se refere às interdependências e interpenetrações.

Na Sociologia Configuracional de Norbert Elias as interdependências são os elos pelos quais os indivíduos se relacionam e as interpenetrações os complexos de atuação que envolvem os indivíduos nas cadeias sociais. Entende-se que a sociologia eliasiana trata as interdependências como a ponta dos icebergs dados pelos processos de interpenetração. A complexa rede de relações é assim o objeto da sociologia para Norbert Elias. Estas relações são dadas pela intrínseca multipolaridade de poder do jogo social, sendo que o interesse da sociologia é interpretar este jogo.

Em “*Os Estabelecidos e os Outsiders*” esperamos ter encontrado um modelo prático da abordagem de Norbert Elias para orientar este trabalho. Deste modelo, em especial, chamamos a atenção para a noção de *carisma*. O conceito, já explorado por Max Weber no início do séc. XX é resinificado por Elias em seu estudo em Winston Parva. Em Weber (2009), o carisma está associado, principalmente a uma espécie de dominação articulada por um sujeito. Weber entende o carisma como uma qualidade pessoal. Elias, como veremos, descreve um grupo carismático, grupo este, que delimita suas fronteiras a partir de outro grupo que é um grupo considerado anômico.

A anomia, conceito também já explorado por Durkheim, assim como a ideia de carisma, serve para Elias interpretar os diferenciais de coesão e de integração na comunidade de Winston Parva. No estudo de Norbert Elias vemos que as interdependências e as interpenetrações estão vinculadas aos níveis de integração perpetrados pela ligação que os estabelecidos e os outsiders fazem no seu espaço social, e os níveis de violência de Winston Parva (problema central que mobiliza o estudo “*Os Estabelecidos e os Outsiders*”) estariam relacionados a isto.

As considerações de Norbert Elias sobre a sociologia configuracional e sobre os grupos sociais de Winston Parva inspiraram nossa pesquisa. Discorreremos neste trabalho especificamente sobre dois grupos de skatistas que discordam sobre aspectos relacionados a um espaço construído pela Prefeitura para a prática do skate. Nosso propósito foi explorar a rede configuracional dos skatistas para descobrir sobre quais fundamentos estes dois grupos se organizam, e ainda descobrir de que modo vão sendo construídas barreiras afetivas dadas as atividades cotidianas dos skatistas locais. Os níveis de integração dos dois grupos de skatistas que ora exploramos neste trabalho, permitiram afirmar que existe no espaço social do Complexo Ambiental um grupo de skatistas carismático e um grupo de skatistas anômico.

O grupo carismático tem referências dentro da cultura do skate bem estabelecidos. O grupo tem um estilo de skate específico, assim como um estilo de música determinado. Os membros deste grupo são voltados principalmente para o street skate (modalidade onde os skatistas têm como obstáculos de preferência: os caixotes, as escadas, os gaps e os corrimãos) e escutam o rap. Quanto ao street skate, os membros do grupo carismático tem sido mais específicos no que se refere a preferência de obstáculos. Esta particularidade, segundo nosso trabalho, e de

acordo com as especificidades do skate em Ponta Grossa, decorre da apropriação de alguns modelos de divulgação midiática (vídeos e revistas) que privilegiam os caixotes, obstáculos de atenção especial do grupo carismático. O rap acaba por complementar esta perspectiva do street skate. Ao observar alguns skatistas que se dedicam ao street skate em vídeos de skate, especificamente aqueles que exploram mais os caixotes, percebeu-se que os mesmos, em suas trilhas sonoras, optam pelo rap. Tendo este fato como dado entende-se aqui, que estas são as mediações estabelecidas pelo grupo carismático no contexto da cultura do skate.

O grupo anônimo, por outro lado, não conta com representações tão seguras quanto o grupo carismático. Quanto às modalidades do skate, o grupo anônimo não tem uma modalidade específica como o grupo carismático. Apesar de compartilharem do mesmo espaço, espaço que é permeado de caixotes, o grupo que é considerado anônimo não deixa de demonstrar interesse a outros obstáculos como rampas e corrimãos. Quanto à música, o grupo anônimo demonstra também certo ecletismo. Além do rap, o grupo anônimo declara escutar outros estilos de música como rock e *hardcore*. Os skatistas que optam por estes estilos musicais em suas trilhas sonoras tem ainda um estilo de skate mais eclético quanto a obstáculos de referência.

As características destes grupos demonstram que os mesmos estão delimitados por certas especificidades da prática do skate. Nesse sentido, este estudo está situado principalmente em torno do que entendemos ser especificidades relacionadas a estética do skate contemporâneo e sua particularidade em Ponta Grossa. Devido ao desenvolvimento das modalidades do skate há tipificações próprias que definem o perfil dos skatistas e ainda determinam o modo de organização dos espaços destinados a prática do skate. Este fato explica em parte a discordância dos dois grupos em relação ao espaço construído no Complexo Ambiental Governador Manoel Ribas. As interdependências e interpenetrações do grupo de skatistas, e dos dois grupos de skatistas, neste caso, estão dispostas ao longo dos processos de constituição das modalidades do skate. Sendo esses processos parte da interpretação da problemática que expressamos aqui.

Um dos temas centrais relacionado a estes aspectos estéticos e tratado neste trabalho é o modelo Skate Plaza. Este é um modelo de pista de skate que surge na primeira década do séc. XXI devido ao interesse dos skatistas de rua reproduzir um espaço semelhante ao que eles encontram nas ruas das cidades. As

pistas construídas até então, também tinham como meta reproduzir obstáculos semelhantes ao que os skatistas encontravam nas ruas, mas, no modelo tradicional, havia ênfase em transições e rampas, enquanto que os modelos Skate Plaza tem enfatizado os caixotes, as escadas, os trilhos e os gaps. Para nós, as Skate Plazas sintetizam o desenvolvimento do skate de rua associado ao desenvolvimento da mídia especializada. Esses dois elementos inspiraram o modelo chamado Skate Plaza dada disponibilidade de um maior número de possibilidades acessadas pelos skatistas através dos vídeos de skate no que se refere a espaços urbanos até então desconhecidos.

A problemática de nosso estudo surgiu a partir da construção de uma mini Skate Plaza no Complexo Ambiental Governador Manoel Ribas em Ponta Grossa. A Prefeitura da cidade contatou alguns skatistas para contribuir com ideias para a construção dos obstáculos no local, e o grupo contatado acabou planejando como seria utilizado o espaço, espaço este que já era explorado pelos skatistas. A questão é que o grupo contatado optou pela construção apenas de caixotes não explorando outras possibilidades de obstáculos, o que de certa forma não agradou parte dos skatistas locais.

Pensamos que a construção fundamentada no modelo Skate Plaza já vinha sendo preparada pelas interdependências e interpenetrações do grupo contatado pela prefeitura. Entendemos que os espaços sociais são espaços transpassados por poder, onde se buscam estratégias de dominação cotidiana. É, neste sentido, que chamamos a construção da Skate Plaza no Complexo Ambiental de *rotinização do carisma*. O grupo responsável pela organização dos obstáculos é o grupo que chamamos “grupo carismático”, e este, antes mesmo da construção da Skate Plaza, já havia construído um discurso que justificaria suas ações concretizadas no local. Sendo assim, o desafio colocado pelos fatos, foi explorar o discurso que nomeamos *discurso carismático*.

É neste contexto que trabalhamos com as trilhas sonoras escolhidas pelos skatistas e também com os modelos de eventos destinados aos skatistas. A construção do discurso construído pelo grupo carismático envolve esses elementos, e é principalmente diante desses elos de interpenetração e de interdependências que para nós se dá a formação do grupo de skatistas local. Em última análise, entendemos que esses elos são constituintes da balança de poder que acaba por mediar a relação entre o grupo carismático e o grupo anômico. A concretude dos

laços sociais ou o auto nível de integração permite que o grupo carismático construa um discurso coerente que facilita a identificação dos seus membros. Estes, ao contrário dos membros do grupo anônimo, conseguem identificar com mais facilidade aqueles que fazem parte do grupo-nós e, em decorrência disso cerram fileiras contra o grupo-eles, defendendo assim um estilo de vida comum e próprio de um grupo que se considera um grupo especial e autêntico. Este trabalho procura explorar o discurso do grupo carismático e procura pensar em que medida este discurso circunscreve não apenas o espaço social do grupo de skatistas, mas ainda define o próprio espaço físico posto em um protótipo de Skate Plaza.

As situações descritas a pouco foram dadas a partir de questões que se procuramos responder ao longo deste trabalho. Nosso propósito foi explorar os laços de interdependência dos skatistas que partilham a Skate Plaza do Complexo Ambiental a partir das seguintes questões: Com quais elementos o grupo carismático, responsável pelo planejamento da Skate Plaza no Complexo Ambiental, constrói sua rede configuracional e o que caracteriza a especificidade e o perfil deste grupo dentro da configuração do grupo de skatista local? Como o grupo carismático, a partir destes elementos que o caracterizam, influi na balança de poder do grupo de skatista local e quais as implicações desta influência?

Procuramos responder estas questões especificamente ao longo do terceiro e do quarto capítulo. O desenvolvimento do skate de rua associado aos espaços de prática desta modalidade e ainda as implicações estéticas de um estilo que foi se consolidando como próprio desta modalidade é essencial para interpretar a configuração dos skatistas do Complexo Ambiental. Além disto, a dinâmica grupal se revela na medida em que se compreende as relações de poder envolvidas em seu espaço de prática. Procuramos expor este contexto e a partir dele desdobrar a especificidade de nosso campo de estudo.

Para a realização deste trabalho recorreremos principalmente às nossas experiências com o grupo de skatistas do Complexo Ambiental. Já dissemos que as principais referências para um estudo sobre o skate são os próprios skatistas, isto porque, o levantamento de temáticas a serem exploradas se dá no contexto em que estes se inscrevem. Desde nossa entrada no Programa de Mestrado de Ciências Sociais na Universidade Estadual de Ponta Grossa, temos observado as possibilidades temáticas do campo de estudo. Para delimitação deste trabalho a observação participante foi fundamental. As observações permitiram que a

manifestação de nosso problema se desse de uma forma espontânea. Isto porque, como veremos, a construção de obstáculos por parte da prefeitura na metade do ano de 2011, no espaço em que os skatistas já realizavam suas atividades, tornou-se o problema central deste trabalho, e em decorrência disto foi que foi elaborado o roteiro de entrevistas (APÊNDICE 1).

Diariamente temos pelo menos 50 skatistas que partilham o espaço destinado ao skate no Complexo Ambiental. Este grupo é volátil, visto que skatistas da cidade inteira partilham o lugar. Delimitamos como sujeitos para esta pesquisa os skatistas que com mais frequência estavam no local. Foram entrevistados 40 skatistas entre a faixa etária de 13 a 37 anos. Mesmo com este número grande de skatistas entrevistados foram citados apenas 14 deles neste trabalho, visto que diante do quadro de 40 skatistas apenas 35% deles conseguiram expressar com mais clareza as intermediações grupais. O grupo de skatistas que melhor consegue visualizar estas intermediações é o grupo de skatista mais antigo. A grande parte dos skatistas citados neste trabalho tem pelo menos 10 anos de skate. Os nomes vislumbrados nesta pesquisa são todos nomes fictícios a partir dos quais procuramos preservar a identidade de todos estes skatistas.

Posto o universo e a amostra dos skatistas do Complexo Ambiental explorado, já se pode ter claro que este é um trabalho qualitativo. O grande número de skatistas entrevistados, para nós, indicou a profundidade dos laços sociais da cultura do skate em Ponta Grossa. Os mais imersos nesta rede de sociabilidade são os skatistas mais antigos e são estes que conseguem apontar para os possíveis elos de interpenetração e de interdependência do skate local.

As observações foram realizadas durante o ano de 2011 e as entrevistas aconteceram durante os meses de Setembro de 2011 e Janeiro de 2012. Todas as entrevistas foram abertas, mesmo fazendo uso de um roteiro, os skatistas eram livres para colocar suas ideias. Parte das entrevistas foi realizada no próprio Complexo Ambiental e outra parte na residência dos próprios skatistas. As entrevistas foram gravadas em um aparelho mp3 sendo na sequência transcritas. A interpretação das entrevistas foi realizada a partir das categorias levantadas na obra de Norbert Elias. Exploramos ainda outras referências que contribuíram para esta análise. Os sites da internet, os trabalhos já realizados, os vídeos e revistas de skate, além de fonte de dados, serviram como referenciais de análise, visto que neles foram encontrados subsídios para caracterizar o grupo social em questão.

O trabalho está disposto a partir de quatro pontos que se articulam. Primeiramente colocamos os pressupostos teóricos de acordo com a Sociologia Configuracional de Norbert Elias. Atentamos para as interpenetrações, para as interdependências e para o estudo de grupo realizado por Norbert Elias em *Os estabelecidos e os outsiders*, procurando extrair deste referencial alguns elementos que fossem úteis para interpretação de nossa temática. Em um segundo momento, situamos os skatistas do Complexo Ambiental e problematizamos a situação que pretendemos abordar nos dois próximos capítulos. Neste momento, apresentamos o espaço do Complexo Ambiental, como espaço de prática dos skatistas, e em seguida, apresentamos a posição dos skatistas com relação a Skate Plaza construída no ano de 2011.

No terceiro momento, exploramos as possíveis interpenetrações e interdependências da configuração de skatistas do Complexo Ambiental. Neste momento procuramos pelas possíveis interpenetrações que caracterizaram o espaço destinado aos skatistas do Complexo Ambiental. Buscamos levantar alguns elementos que fizeram a história das Skate Plazas e buscamos aspectos característicos das mesmas no âmbito do skate contemporâneo. Por fim, no quarto capítulo, exploramos o campo de exercício de poder a partir de um evento local. Neste capítulo procuramos visualizar a dinâmica de atuação na configuração do grupo de skatistas. Neste quarto momento é possível visualizar e interpretar o campo de exercício de poder da configuração local.

Este roteiro fica mais claro na medida em que vamos compreendendo a perspectiva configuracional de Norbert Elias explorada no primeiro capítulo. Os aspectos relacionados as interpenetrações e interdependências são essenciais para compreensão da distribuição destes capítulos. A problematização exposta no segundo capítulo visa aproximar o leitor das inquietações do pesquisador encontradas no campo de estudo. Sendo assim, no segundo capítulo, chamamos atenção para o contexto do skate no Complexo Ambiental e ainda para a necessidade de interpretação no que se refere a construção do espaço destinado para prática do skate.

No terceiro capítulo buscamos as interpenetrações que fazem parte das interdependências dos skatistas locais. Geralmente tem se entendido que a história é apenas um pano de fundo das mediações estabelecidas entre os grupos, ou mesmo, que a história é parte da conjuntura que facilita o entendimento do leitor.

Aqui entendemos que a história das Skate Plazas, exploradas no terceiro capítulo, fazem parte da interpretação da problemática levantada. Segundo o entendimento que temos da Sociologia Configuracional de Norbert Elias, os elementos da história são partes significativas das interpenetrações engendradas pelos grupos sociais que se concretizam nas interdependências sociais. Neste sentido, partimos dos dois primeiros capítulos para desvendar a configuração dos skatistas do Complexo Ambiental pelos elos de interpenetração e pelos elos de interdependência, e por fim, exploramos a constelação de forças e os recursos de poder empregados na dinâmica configuracional.

O objetivo geral deste trabalho é explorar a configuração dos skatistas do Complexo Ambiental Governador Manoel Ribas, na cidade de Ponta Grossa-PR. E como objetivos específicos foram colocados dois: Primeiro explorar os elos de interpenetração e elos de interdependência da configuração e em seguida visualizar e interpretar o campo de exercício de poder da configuração local. Para cumprir estes desafios foram realizadas observações em campo e entrevistas, interpretando os dados a partir da Sociologia de Norbert Elias e de trabalhos, revistas, sites e vídeos afetos à cultura do skate.

Sabemos dos riscos que corremos sendo este um estudo de Sociologia do Skate. A temática, como já dissemos, é ainda incipiente na academia e até certo ponto inovadora. O que pretendemos aqui, não é um elogio ao skate enquanto prática urbana, mas sim, um estudo que permita visualizar a problemática dos grupos sociais a partir das relações de poder dadas no cotidiano.

Adentremos agora à Sociologia Configuracional de Norbert Elias. Estejamos atentos às suas especificidades e suas potencialidades para, em seguida, desvelar nosso campo de estudo.

CAPÍTULO 1

OS RECURSOS DA SOCIOLOGIA CONFIGURACIONAL

1.1 NOTAS SOBRE A SOCIOLOGIA CONFIGURACIONAL

Nosso objetivo neste primeiro momento é visualizar a potencialidade da abordagem sociológica de Norbert Elias para este trabalho. Entendemos que não é possível compreender a perspectiva sociológica de Elias se não discutirmos a categoria de interdependência e a noção de configurações sociais. Este olhar é necessário especialmente porque pretendemos explorar as cadeias de interdependência de uma configuração específica de um grupo social de skatistas. O propósito aqui é familiarizar-se com a proposta eliasiana, buscando fundamentos conceituais para nosso trabalho empírico. A partir deste exercício de reflexão procuramos pensar como estas categorias nos auxiliam a visualizar o grupo social e sua dinâmica. Estejamos atentos agora à percepção de configuração e à percepção de interdependência na sociologia configuracional de Norbert Elias.

A primeira coisa que é preciso entender com relação à abordagem eliasiana, é que a sociedade é uma sociedade de indivíduos. Nada de privilegiar o indivíduo, a sociedade ou mesmo os símbolos provenientes desta interação. Estas entidades fazem parte de um todo inseparável. A interdependência dos sujeitos sociais é fundada não apenas na disposição dos elementos constitutivos, mas ainda nas trocas que estes elementos estabelecem no processo social e nas ligações emocionais que estes sujeitos constroem ao longo das cadeias de interdependência.

Os laços emocionais criados nas diversas escalas sociais, para Elias, são construções configuracionais que subsidiarão os elementos constitutivos de uma sociedade. Além disso, estes laços ainda irão representar os fundamentos na constituição dos indivíduos. Nesta construção, não se poderá desprezar que toda estrutura social é uma estrutura de indivíduos e que toda a estrutura do indivíduo é uma estrutura social. A estrutura social da personalidade, para Elias, demonstra “o quanto a existência da pessoa como ser individual é indissociável de sua existência como ser social” (ELIAS, 1994, p. 151).

Neste sentido, um dos principais temas do interesse de Elias é a dicotomia indivíduo/sociedade. Elias vê a necessidade de ultrapassar este debate no que se refere às teorias sociais e psicológicas. O homem até então, segundo ele, tem sido tratado como um sujeito fechado ou mesmo como um sujeito determinado pelo seu meio. Estas abordagens limitam o entendimento do objeto das Ciências Humanas. Mas Elias reconhece que ainda temos poucos instrumentos de análise que podem nos ajudar na solução desta problemática (ELIAS, 2008).

O conceito de configuração é uma tentativa de esclarecer que a dicotomia referida entre indivíduo e a sociedade não tem sentido se queremos realmente absorver uma síntese dos processos sociológicos. As configurações nada mais são que as interdependências dos sujeitos numa integração humana e social. São nos elos de interdependência que as configurações deverão ser compreendidas. Estes elos são tão concretos quanto os sujeitos interdependentes. A disposição e a troca destes elementos podem ser mais bem compreendidas se atentarmos com mais sensibilidade para as ligações emocionais que unem as pessoas umas as outras (ELIAS, 2008).

As ligações emocionais são as construções sociais criadas pelos indivíduos ou mesmo criadas nos indivíduos, os quais no decorrer do tempo tornam-se cadeias de interdependência na qual estamos individualmente ou coletivamente sujeitos. Estas ligações emocionais podem ser tanto pessoais como impessoais. As perspectivas de análise podem ser diversas, mas em linhas gerais podemos analisá-las da perspectiva do “eu”, do “eles” e do “nós”. Cada sujeito constrói uma rede de significados qualificando a identidade-eu, e esta identidade-eu está vinculada a uma identidade-nós a partir da qual se constrói a rede de interdependência. É possível que a partir disso o sujeito consiga visualizar outras identidades nas perspectivas do “ele” e do “eles”.

Estes pronomes pessoais são considerados por Elias como modelos configuracionais. Através deles podemos vislumbrar algumas perspectivas de análise mais contextualizadas no âmbito das configurações sociais. Primeiro é preciso ter clareza que os pronomes não são entidades separadas. Não há limites certos entre o “eu” e o “eles”, sendo que as pessoas são pessoas tanto no singular como no plural. Mas, para a Sociologia, não podemos ter a imagem de um homem como a imagem de uma pessoa no singular (ELIAS, 2008). Precisamos entender o homem como constituição de pessoas no plural, sendo assim, precisamos passar da

imagem do *homo clausus*, ou seja, da imagem do sujeito fechado, para a imagem do *homines aperti*, ou seja, a imagem viva dos homens abertos (ELIAS, 2008).

Elias nos lembra que a construção da identidade começa logo quando nascemos e vai fazendo parte de nossa vida no decorrer do tempo. Esta construção, seja ela do ponto de vista do “eu”, do “nós”, do “ele” ou do “eles”, vai sendo caracterizada no decorrer do processo social. Ao nascer, segundo Elias, “todo o indivíduo começa a jogar com os outros [...], o mais frágil bebê tem os seus trunfos no choro e no riso” (ELIAS, 2008, p. 132). “Não há ninguém que nunca tenha estado inserido numa teia de pessoas” (ELIAS, 2008, p.139). Esta dinâmica intrínseca da sociedade dos indivíduos é margem para reflexões fundadas em um conceito de pronomes no âmbito relacional. O que não acontece quando tomamos o “eu” ou “eles” como coisa (ELIAS, 2008). O indivíduo isolado é um mito. Pensar que as pessoas podem existir para além da sociedade, é reificar os indivíduos. Assim como pensar que a sociedade por si só determina todas as configurações sociais. Isso seria dissolver os elos de interpenetração que ligam as pessoas umas as outras (ELIAS, 2008, p. 127-130-131).

Pensar as atividades humanas a partir dos pronomes pessoais (eu, tu, ele, nós, vós e eles) e das funções que cada um deles exerce no modo de distribuição de poder, facilitaria a apreensão sociológica das relações sociais. As funções aqui não devem ser entendidas pelo viés dos modelos da Sociologia Funcionalista. Na abordagem eliasiana “as funções são atributos de relações e objeto de múltiplas perspectivas” (ELIAS, 2008, p. 137). Nas configurações, as interdependências exercem funções de reciprocidade numa dinâmica que pode ir além da bipolaridade mais comumente encontrada nos modelos sociológicos. As funções de reciprocidade atestam a multipolaridade das configurações sociais (ELIAS, 2008, p. 84-85), e os pronomes pessoais servem como recursos que nos ajudam “a compreender a natureza perspectivacional das teias de interdependência” (ELIAS, 2008, p. 139).

A abertura epistemológica que Elias propõe não está apenas condicionada aos limites dos sujeitos, os quais iremos pesquisar, mas ainda abre possibilidades intrínsecas a estes sujeitos do ponto de vista individual e coletivo. O desafio que Elias nos coloca é compreender as cadeias de interdependência e as valências emocionais potencializadas nos seus elementos constitutivos. Cada indivíduo está estreitamente atrelado com as relações de “nós” e com as relações de “eles”, e ainda no próprio grupo o indivíduo está vinculado à posição que ocupa dentro

dessas unidades e da designação que estas unidades darão a si mesmos (“nós”) e aos outros (“eles”) (ELIAS, 2008, p. 139).

Vemos aqui a importância de ter claro o que são estas cadeias de interdependência para compreender as configurações dos grupos sociais. Os elementos constituintes dos grupos não são apenas símbolos e objetos a partir dos quais se dão as relações sociais, estes elementos se tornam emocionalmente significativos nas mediações sociais entre “nós” e “eles”, no caso dos grupos, e entre o “eu” e o “outro”, nas respectivas dimensões configuracionais.

Adiante, o que propomos é visualizar como isso acontece no grupo de skatistas que partilha o Complexo Ambiental. Importa para nós entender como acontece e sobre quais fundamentos se dão as interpenetrações na configuração de skatistas. Teremos mais claro qual é o papel das interpenetrações explorando os modelos de jogo elaborados por Elias. Esperamos que os conceitos de interdependência e de configuração expostos aqui estejam bem entendidos, pois intentamos agora esclarecer a perspectiva sociológica de Elias de modo um pouco mais elaborado a partir dos modelos de jogo, com o propósito de atentar para a dinâmica configuracional das interdependências, evidenciando as interpenetrações e sua complexidade.

1.2 OS MODELOS DE JOGO: UMA POSSIBILIDADE DE COMPREENSÃO DA SOCIOLOGIA DE ELIAS

Alain Garrigou (2001) declara que a perspectiva de jogos de Elias não é uma entrada qualquer na sociologia configuracional, mas é “uma espécie de esquema paradigmático pelo qual essa sociologia se ilumina” (GARRIGOU, 2001, p. 67). Ainda para Garrigou, o modelo que vamos ver agora não é apenas uma metáfora em que Elias se apoia para deixar mais claras suas ideias, mas sim uma “descrição realística e analítica das relações sociais” (GARRIGOU, 2001, p. 67).

A qualidade didática do modelo de jogos para a apreensão da Sociologia foi levantada pelo próprio Elias. Mais do que isso, Elias declara que este modelo reorienta nossos poderes imaginativos e conceituais tantas vezes condicionados pelas tradições sociológicas que em suas análises tem como referência um modelo dual de relações sociais (ELIAS, 2008).

Defendendo a multipolaridade das relações humanas o objetivo de Elias é tratar a Sociologia a partir de uma experiência mental onde os modelos de jogo serão como um “treino para a imaginação sociológica” (ELIAS, 2008, p. 80). Estes modelos nos permitirão compreender as ações individuais a partir das cadeias de interdependências que caracterizam as configurações sociais (ELIAS, 2008). Trataremos aqui das ideias gerais destes modelos e das suas implicações na definição de um objeto para a Sociologia.

Como já procuramos deixar claro, a preocupação de Elias, e consequentemente dos sociólogos em sua acepção, é, ou deveria ser, tornar as cadeias de interdependência mais transparentes. As configurações sociais devem, na medida do possível, ser interpretadas e contextualizadas. Para isso, devemos ter em vista uma perspectiva mais clara das possíveis mediações de interpenetração. Para Elias este é o problema central da Sociologia, disciplina que, segundo ele, tem “como seu campo de estudo as configurações de seres humanos interdependentes” (ELIAS, 2008, p. 79).

Os modelos de jogo de Elias representam a organização das configurações sociais e de suas interdependências. A ordem aqui expressa é entendida não como uma ordem normativa e regrada, mas se refere a “um tipo particular de ordem” onde seus elementos podem ser contraditórios e irreconciliáveis. (ELIAS, 2008, p. 82). É preciso saber que para Elias não é nem viável pensar se as configurações são organizadas ou não, porque estes conceitos não representam qualquer significado para uma análise sociológica. De seu ponto de vista, “[...] entre os homens, tal como na natureza, não é possível o caos absoluto” (ELIAS, 2008, p. 82).

Segundo Elias, os modelos procuram correlacionar a imagem de pessoas participando de um jogo com as relações estabelecidas em sociedade. É, na verdade, uma série de modelos que representam “o modo como se entrelaçam os fins e ações dos homens”, para que depois possamos elucidá-los de modo coerente (ELIAS, 2008, p. 79).

São basicamente três os modelos elaborados por Elias, acrescentando ainda o modelo de competição primária, o qual servirá aqui para apresentar os conceitos envolvidos nos modelos propriamente ditos. Elias deixa sempre evidente que estes modelos não são herméticos, sendo impossível defini-los na diversidade de manifestações sociais.

A primeira possibilidade de tratamento sociológico (o modelo da competição primária) está situado no confronto entre duas pequenas tribos que em condições desiguais, no que se refere à constituição dos componentes (uma das tribos é composta por sujeitos altos e lentos, e a outra por sujeitos baixos e ágeis), se enfrentam para conseguir meios de subsistência. As condições do meio, por uma razão ou outra, já não são suficientes para satisfazer as necessidades de ambas as tribos, sendo assim, as tribos acabam se tornando rivais. Este quadro, na sociologia tradicional, deve nos permitir avaliar em que medida uma determinada tribo estará em vantagem sobre a outra. Levando em consideração suas especificidades provavelmente chegaremos à conclusão que uma delas é hegemônica e determina as regras do confronto.

Na Sociologia de Elias este primeiro caso deve ser examinado com mais profundidade. Estas duas tribos, para Elias, exercem funções recíprocas de interdependência. Cada uma das tribos se destaca por suas qualidades específicas e na medida em que estas tribos se enfrentam estas qualidades, mais a recorrência dos enfrentamentos, construirão uma cadeia de ações interdependentes que irão caracterizar a configuração social dada. Cabe-nos, como sociólogos, dizer em que medida cada uma dessas tribos é hegemônica, por qual motivo é, e ainda explicar como se relacionam no campo do exercício de poder estas duas tribos. Na abordagem eliasiana, a autonomia relativa de cada uma destas tribos será a margem para distribuição do poder na constelação de forças. Esta dinâmica de interdependência (pelo fato de que uma das tribos só executará certo movimento decorrente do movimento de outra) é o que Elias chama de interpenetração.

É significativa a importância que Elias dá a este primeiro modelo no sentido de combater as perspectivas que tratam dos conceitos de função e de poder sem a devida contextualização. Primeiro, se as tribos exercem uma sobre a outra funções recíprocas, isso não significa que existem funções disfuncionais ou funcionais. Pois, segundo Elias, é evidente que este tipo de abordagem está fundada em valores e crenças sociais que se confundem com as teorias científicas. Segundo, se o poder exercido pelas duas tribos é estabelecido na constelação de forças, não poderemos dizer que um grupo tem poder sobre o outro se não pelo caráter das cadeias de interdependência. Por isso, Elias enfatiza o caráter relacional do poder dizendo que este “não é um amuleto” que se pode possuir ou não. Mas se o poder for entendido

no âmbito das interdependências, torna-se característica de todas as relações humanas (ELIAS, 2008, p. 81).

As interpenetrações estão assim vinculadas aos recursos de poder que as duas tribos empregam em sua autonomia relativa (ELIAS, 2008, p. 86). O sociólogo procura entender “quem tem o maior potencial de reter aquilo que o outro necessita” (ELIAS, 2008, p. 85). É diante desta constatação que Elias percebe o objeto da Sociologia e declara, como já dissemos, que cabe aos sociólogos deixar mais transparente o processo de interpenetração nas cadeias de interdependência.

Seguindo o modelo de competição primária, modelo este que nos permitiu entender a dinâmica configuracional envolvida na relação entre dois grupos, passaremos agora ao primeiro modelo de jogo. É nele que percebemos a complexidade das interpenetrações decorrentes das inúmeras ações exercidas pelos indivíduos reunidos em grupos. Mesmo em um jogo simples entre duas pessoas a proporção de poder intrínseca sobre os jogadores e sobre o jogo é de certo modo indefinido. Consideremos, com Elias, um jogo entre duas pessoas.

O jogador A, mais forte que o jogador B, tem certo domínio sobre o jogador B, e mesmo sobre as condições do jogo, mas não podemos dizer que o jogador B é totalmente submisso as condições de A. Nas jogadas que A possivelmente irá fazer, deverá considerar a qualidade de jogadas do jogador B, e mais, quanto maior for o número de jogadas mais estarão os jogadores na dependência um do outro. No processo deste simples jogo a interdependência dos jogadores dificulta cada vez mais o controle de um jogador sobre o outro, visto que o jogo assemelha-se mais a um processo social que propriamente um processo individual dada à complexidade de interpenetração das jogadas.

Este primeiro modelo já demonstra a vantagem de se considerar os processos que estão envolvidos em uma relação social. Apesar de ser o modelo mais simples, avança em relação a determinados modelos teóricos que partem da ideia de interação de dois indivíduos, mas que ainda os percebem como um relacionamento em estado e não em processo (ELIAS, 2008). Este modelo de Elias ainda enfatiza as interpenetrações como uma ação que pode ser intencional ou não intencional. Este avanço em relação às teorias tradicionais, chamadas teorias da ação, é devido à própria interdependência das ações envolvidas em dada situação social. É como se todas as ações anteriores estivessem implicadas no fato social que temos diante de nossos olhos. As interpenetrações cada vez mais concretizam

as interdependências dos jogadores e o poder em relação é cada vez mais expresso no jogo.

Se considerarmos agora o segundo modelo apresentado por Elias, modelo em que o número de jogadores aumentou e que os jogadores C e D jogam individualmente com o jogador A, que continua a jogar com o jogador B, já podemos identificar a diversidade de variáveis inerentes em um modelo de jogo mais complexo. Neste caso, o jogo pode seguir com o jogador A jogando individualmente com os demais jogadores. Pode também acontecer que os jogadores B, C e D se unam em um grupo interpenetrado para jogar com A, o que beneficiará o grupo de jogadores se o nível de tensões entre eles for baixo, caso contrário o grande beneficiário será o jogador A.

Toda esta relação perpetrada na constelação de força do jogo irá criar uma situação especial, que provavelmente fugirá do controle de um jogador só. É isto que Elias procura frisar. O jogo não existe independentemente dos jogadores como também os jogadores não existem independentemente do jogo. As relações estabelecidas na diversidade de possíveis jogadas que são profundamente perspectivadas no jogo são os processos que nos importam. A Sociologia, para Elias, teria a responsabilidade de dar conta destes processos de interpenetração. O que, convenhamos, não é uma tarefa fácil.

Um terceiro modelo de jogo pretende demonstrar que os jogos podem ser realizados por muitas pessoas e em vários níveis. No modelo de tipo oligárquico há dois grupos de jogadores no qual um é hegemônico. Como este tipo de jogo comporta um elevado número de jogadores (Elias nos faz pensar em um número crescente) os grupos jogariam em níveis diferentes, ou seja, o grupo hegemônico normalmente joga em um plano diferente que o grupo mais fraco. Os jogadores mais fortes têm o monopólio do jogo, mesmo assim não podem desprezar as jogadas dos jogadores do nível inferior, e na maioria das vezes os jogadores do nível superior são dependentes das jogadas no nível inferior. A impressão dos jogadores que pertencem ao nível hegemônico é de maior controle sobre suas ações, o que não deixa de ser verdade, visto que sua posição privilegiada permite-os observar suas ações dentro e fora de sua esfera de jogo, mas seu domínio sobre o jogo não é ilimitado.

Se considerarmos agora que a força dos jogadores do nível mais baixo vem crescendo em relação ao nível hegemônico, começamos a pensar no modelo de

jogo de tipo democrático crescentemente simplificado. Na medida em que há mais equilíbrio de poder os jogadores tornam-se mais dependentes um dos outros. Será cada vez mais complexa a cadeia de interdependência, e a própria interdependência dos jogadores manifestar-se-á nas jogadas individuais. Nas palavras de Elias, o domínio sobre o jogo será cada vez mais impessoal.

Estes dois últimos exemplos do terceiro modelo de jogo têm o objetivo de nos levar a pensar como é possível, a partir de uma abordagem configuracional, analisar grupos cada vez maiores de ação. Garrigou afirma que Elias, tratando da sociedade de corte, definia-a “como um grande jogo” (GARRIGOU, 2001, p. 67). O número crescente de jogadores e de jogadas complexifica cada vez mais as interpenetrações e interdependências das configurações. Apreender a dinâmica do jogo torna-se cada vez mais difícil e os jogadores no decorrer deste processo são muitas vezes conduzidos às cegas.

É claro que estas não são situações determinantes. Quando Elias nos chama a atenção para a qualidade de um jogo não planeado ele procura dar margem ao pensamento processual que é de fato significativo na interpretação sociológica. Estas representações visam demonstrar que o jogo tem relativa autonomia sobre os jogadores, assim como os jogadores tem relativa autonomia sobre o jogo (ELIAS, 2008, p. 104). Um jogador, ou um grupo de jogadores, pode ter destaque na medida em que se insere mais na estrutura dinâmica do jogo (ELIAS, 2008, p. 105). A relativa autonomia e o equilíbrio de poder são variáveis chaves para entendermos as configurações sociais. As interpenetrações e interdependências são os frutos das ações de cada um dos jogadores, considerando o processo histórico do jogo e a perspectiva relacional do poder em um contexto de múltiplas faces.

Uma perspectiva interessante a ser analisada no modelo de jogo proposto por Elias está vinculada a ideia de que este não é somente fundado na tensão entre os grupos. A cooperação entre os jogadores deve ter a mesma medida de atenção que os conflitos que podem surgir no desenvolvimento processual da configuração. As tensões entre os grupos e os indivíduos, ou a cooperação entre ambos, podem surgir em variados níveis de atuação configuracional onde as interpenetrações e interdependências farão diferença no sucesso, ou no fracasso, de um grupo de jogadores no campo de exercício do poder.

Como veremos, o modelo de jogos facilitará a apreensão das situações de interdependências na nossa pesquisa com os skatistas do Complexo Ambiental.

Estendemo-nos um pouco neste modelo, pois entendemos que este representa bem a concepção sociológica de Elias no que se refere às interdependências. Ao entender que as configurações são teias de interdependências emocionais construídas por interpenetrações dadas no processo social, se tem uma síntese da sociologia de Norbert Elias. Pensamos que no Complexo Ambiental, é possível visualizar sujeitos que estão nesse contexto de interpenetração, estabelecendo configurações dinâmicas e complexas.

Como decidimos estudar um grupo específico, veremos que dentro do próprio grupo social dos skatistas este jogo de força se manifesta através do próprio espaço de convivência. Os grupos e sujeitos tem relativa autonomia no campo de exercício de poder configuracional, e o equilíbrio das forças está relacionado com a distribuição intrínseca aos grupos e sujeitos dispostos nesta cadeia de interdependência. Veremos que a própria constituição de grupo tem como parâmetro este jogo complexo de relações, e estas são na verdade a propriedade das manifestações culturais e identitárias.

Um ponto fundamental na construção teórica e epistemológica de Elias decorre de sua percepção do modo que os indivíduos e a própria sociedade estão envolvidos em um contexto complexo de interação. Elias chama este contexto complexo de configuração. Se aprendemos bem o modelo de jogos ficará claro que na diversidade de níveis jogados há também uma diversidade de jogadas que paulatinamente consubstanciarão o jogo e os próprios jogadores. Isto significa dizer que as configurações sociais, compreendidas na gama de sujeitos interdependentes, são permeadas pela consolidação de ações decorrentes dos próprios sujeitos, mas sujeitos que têm autonomia relativa quando vistos frente aos grupos.

Esta constatação nos permite dizer que nas configurações as interdependências estão demarcadas por uma relação de reciprocidade nas diversas dimensões dos sujeitos sociais. Nestas configurações, Elias entende que há uma carga de tensão decorrente da transformação do processo histórico. Os indivíduos e a sociedade são o que são devido a este processo dinâmico que envolve não só as relações sociais imediatas, mas ainda suas estruturas biológicas e fisiológicas ao longo de um processo histórico.

Não poderemos aqui dimensionar as implicações teóricas e epistemológicas destas afirmações, mas a sociologia eliasiana nos desafia a olhar com mais cuidado para as situações que num primeiro momento parecem dadas. O caráter processual

da constituição de nossos objetos científicos e mesmo da construção de nossos modelos teóricos e epistemológicos, dificilmente poderá ser esclarecido num lapso de tempo, seja ele o tempo presente ou o passado.

Como nossa pretensão é estudar um grupo específico, com sistemas de valores já consolidados, é imprescindível conhecer o referencial configuracional do mesmo. Os elos de interdependência e de interpenetração do grupo de skatistas em questão se consolidaram na medida em que o próprio grupo estabeleceu ligações emocionais que construíram nas cadeias de interdependência. Estas cadeias de interdependências formam configurações específicas dentro do próprio grupo dos skatistas. Veremos agora como estes elos de ligação emocional serão tratados no decorrer deste trabalho. Faremos isto a partir dos conceitos de carisma grupal e de ideal do nós, conceitos estes extraídos do referencial teórico construído por Norbert Elias em “Os Estabelecidos e Outsiders” (2000).

1.3 NORBERT ELIAS E ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DE GRUPOS

Tendo clara a sociologia eliasiana e alguns conceitos desenvolvidos em “*Os Estabelecidos e Outsiders*”, será mais fácil compreender com quais argumentos pretendemos analisar o grupo de skatistas no Complexo Ambiental Governador Manoel Ribas. Em “*Os Estabelecidos e Outsiders*” (2000) conseguimos visualizar de modo prático como os conceitos de configuração, de interdependência e interpenetração podem ser utilizados. Assim como o modelo de jogos, a figuração estabelecidos/outsiders nos proporcionará referências conceituais que serão utilizadas no decorrer deste estudo. Os conceitos de carisma grupal e ideal do nós foram colocados por Elias “como parte de uma teoria da figuração estabelecidos-outsiders” (ELIAS, 2000, p. 44). Entendemos que no grupo de skatistas local há uma relação semelhante ao que Elias e Scotson encontraram em Winston Parva. Pelo menos no que se refere à formação de grupos, o carisma e a ideia de pertencimento, ou seja, o ideal do nós, parece um fato quando se pensa na diversidade de configurações sociais e na diversidade intrínseca a essas configurações. Queremos aqui visualizar as noções de carisma grupal e de ideal de nós que, assim como as temáticas das configurações das interdependências e das

interpenetrações, nos ajudarão a compreender o grupo de skatistas do Complexo Ambiental.

Norbert Elias e John Scotson descobriram em seus estudos, o que fazia o índice de criminalidade jovem ser mais alto em certas áreas de uma comunidade aparentemente homogênea. Os moradores mais antigos da comunidade sentiam-se como pessoas de nível superior em relação aos residentes mais novos. Esta constatação permitiu a Elias e a Scotson entenderem como em uma configuração de característica sócio-econômica semelhante era possível que fossem produzidas na representação local categorias de pessoas diferentes. A estratégia mais utilizada para a estigmatização dos residentes novos era a fofoca, e o principal recurso de poder dos estabelecidos era a afirmação de sua auto-imagem impondo a crença de sua superioridade.

As fofocas podiam ser elogiosas ou depreciativas. Estas influíam no grau de coesão grupal, na identificação e nas normas sociais comuns que podiam ser designadas boas ou ruins. No trabalho de Elias e de Scotson ficou evidente que estas fofocas serviam principalmente como recursos de poder, pelo qual antigos residentes criavam uma imagem de moradores ideais, bem como uma imagem de moradores indesejáveis. Segundo Elias e Scotson, a auto-imagem dos moradores antigos era entendida como exemplar, de um caráter mais nômico e normativo, enquanto os moradores mais novos eram tomados como anômicos, desordeiros, indisciplinados, indignos de confiança e até sujos. Para os antigos moradores, os recém chegados eram o tipo de pessoa que era necessário evitar, o que acabou criando uma barreira invisível no espaço comunitário de Winston Parva.

Um dos recursos dos estabelecidos, nesta delimitada configuração de Winston Parva, foi desenvolvido por Elias e Scotson como conceito de carisma de grupo. Este era fundado, como já dissemos, na ideia de que os antigos moradores eram pessoas humanamente melhores. Estas pessoas eram dotadas de uma virtude específica que era compartilhada por todos os membros do grupo estabelecido (ELIAS, 2000, p. 20). Mas em que consistia esta virtude? Sob quais fundamentos os moradores mais antigos definiam sua auto-imagem de superioridade?

Elias e Scotson entenderam que a mais expressiva característica dos estabelecidos era o tempo de sua residência no lugar (ELIAS; SCOTSON, 2000). Os novos moradores eram tidos como invasores em um espaço com uma figuração já consolidada. Os laços emocionais que uniam os antigos moradores pareciam estar

ameaçados devido à intromissão de um grupo que havia perdido parte de sua identidade em seu local de moradia originário. Desta forma, estes sujeitos eram estigmatizados como anômicos, ou seja, sem um padrão moral estabelecido. Segundo Elias, estes “diferenciais de coesão e de integração” representavam um importante diferencial de poder entre os antigos moradores e os mais novos (ELIAS, 2000, p. 24). A vantagem, é claro, era dos moradores mais antigos, pois estes tinham maior capacidade de exercer um controle comunitário através dos recursos de poder como a exclusão e a estigmatização. No final das contas, o intuito era preservar a identidade dos estabelecidos garantindo a “gratificação eufórica” que acompanha a “consciência de pertencer” (ELIAS, 2000, p. 21- 22).

O estilo de vida e o conjunto de normas padrão da comunidade de Winston Parva estavam calcados na experiência cotidiana dos moradores antigos. Sendo assim, os moradores novos ameaçavam a antiga coesão e integração estabelecida. Os elos de interdependência, de interpenetração e as ligações emocionais da configuração do grupo de residentes antigos precisavam ser defendidos, por isso, ergueu-se um “escudo imaginário” através do qual o grupo estabelecido protegia seus membros (ELIAS, 2000, p. 44). Para Elias, o reservatório de lembranças e as normas de respeitabilidade do grupo eram atacados pelos novos moradores sem que eles mesmos pudessem se dar conta disso (ELIAS, 2000, p. 39). Estes “cabos de guerra silenciosos” passavam a fazer parte do cotidiano da comunidade e a tornarem-se parte das “fantasias grupais” de Winston Parva (ELIAS, 2000, p. 37).

As fofocas depreciativas e as elogiosas instigavam os ânimos da comunidade. Segundo Elias e Scotson, havia sempre um fato para provar que o grupo de antigos moradores era bom e o grupo de moradores novos era ruim (ELIAS, 2000, p. 23). Além das correntes acusações que afirmavam as atitudes desordeiras e indisciplinadas dos moradores novos, era um motivo de orgulho para os antigos moradores pertencer ao estilo de vida comum e ao conjunto de normas de um grupo superior. Os estabelecidos pareciam acreditar que a graça e a virtude estavam do seu lado. Elias e Scotson relatam que os estabelecidos tinham uma “crença carismática grupal”, como se fosse um carisma imaginário sobre o qual se assentava sua auto-imagem de grandeza (ELIAS, 2000, p. 41). A afirmação do carisma grupal, através das fofocas elogiosas, da afirmação da desonra grupal e através das fofocas depreciativas, criava uma barreira afetiva que correspondia à rigidez da atitude dos

grupos da comunidade de Winston Parva. A inflexibilidade emocional era reflexo dessas teias de interdependência que permeavam a configuração dos grupos locais.

O problema para Elias e para Scotson não era saber quem estava certo ou errado na situação, e sim saber por que os moradores de Winston Parva colocavam-se fronteiras quando se referiam em termos de pronomes como “nós” e “eles” (ELIAS, 2000, p. 38). As questões centrais eram: Quais fronteiras são essas que delimitam os grupos sociais de Winston Parva? Quais eram as características estruturais que ligavam os grupos nessa configuração social (ELIAS, 2000, p. 24)? O que foi ficando claro no decorrer da pesquisa de Elias e de Scotson é que os antigos moradores referiam-se a si mesmos como “nós” e ao mesmo tempo percebiam os novos moradores do bairro como “eles” (ELIAS, 2000, p. 38). A constituição do grupo, através de um processo grupal de estoque de lembranças, apegos e de aversões comuns, dava lógica e sentido ao pronome “nós”. E as fofocas elogiosas e depreciativas eram os principais recursos de poder utilizado pelos estabelecidos na construção e representação “deles”. Ou seja, as fofocas elogiosas e depreciativas eram os instrumentos de poder pelo qual os outsiders eram estigmatizados (ELIAS, 2000, p. 38). Elias e Scotson afirmam que os membros do grupo estabelecido “ligavam-se entre si por laços de intimidade pessoal”, e que esses “vínculos emocionais só se desenvolvem entre seres humanos que vivenciam juntos um processo grupal de certa duração” (ELIAS, 2000, p. 39). Segundo ainda Elias e Scotson, é quando se percebe esse processo que se percebe as barreiras que delimitam os pronomes “nós” e “eles” (ELIAS, 2000, p. 39).

Se por um lado, temos rigidez e inflexibilidade entre “nós” e “eles”, por outro lado, temos a cooperação fundada no carisma grupal e no ideal de nós, que claro tem um preço a ser pago. A “gratificação eufórica” de pertencer a um grupo especial é ao mesmo tempo tensão entre o sujeito e o grupo, como satisfação do sujeito que pertence a um grupo coeso (ELIAS, 2000, p. 21- 22). Estes são os limites que devem ser explorados nas configurações sociais. Sendo assim, a abordagem eliasiana, enfatiza a interdependência entre o indivíduo, o grupo social e os demais grupos sociais, além de frisar a importância de se considerar as relações de tensão e de cooperação intrínsecas as dimensões configuracionais.

A referência aos conceitos vislumbrados aqui serão um contributo importante para que possamos analisar o grupo de skatistas do Complexo Ambiental. As nossas observações em campo nos permitiram verificar a validade da proposta de

Elias e de Scotson no que se refere à presença de um carisma social e de uma imagem de nós vinculada ao grupo social de skatistas local. Um grupo que, semelhantemente a Winston Parva, pode parecer um grupo de skatistas homogêneo, comporta uma diversidade de cadeias de interdependência que será situada em nosso estudo a partir do espaço social local.

Veremos adiante que, imersos na configuração dos skatistas do Complexo Ambiental, existem grupos delimitados pelas fronteiras do nós que se apropriam de determinadas categorias espaciais e estéticas, que são veiculadas pelo grupo como uma espécie de carisma social. Ficará evidente que a própria disposição dos obstáculos nos quais se desenvolve o skate de rua está imersa em elos de interpenetração e de interdependência onde se pode constatar uma constelação de forças que em certos momentos assemelham-se aos “cabos de guerra silenciosos” de Winston Parva.

Existe no Complexo Ambiental, no espaço social dos skatistas, um campo de exercício de poder onde se pode identificar o uso de recursos que reelaboram constantemente a distribuição deste poder em relação. As ligações emocionais estão dispostas não só entre grandes grupos de skatistas, mas também entre subgrupos existentes dentro de um grupo de skatistas local. Nesse sentido, a apreensão dos conceitos expostos até aqui e a própria entrada no modelo de jogos configuracionais, representam um esforço no sentido de ter claro o olhar eliasiano para as configurações sociais. Para tornar as cadeias de interdependência mais transparentes, além dos recursos conceituais é necessário ter claro a teoria que embasa esses recursos.

Passemos agora para nosso primeiro desafio: localizar o grupo de skatistas do Complexo Ambiental e levantar a problemática colocada por este estudo. Ao localizar o grupo acreditamos ser possível visualizar a configuração. Ao levantar a problemática esperamos já apontar possíveis elos de interdependência, de interpenetração e as ligações emocionais associadas ao lugar de prática dos skatistas estabelecidos do Complexo Ambiental. Na verdade, este foi o roteiro escolhido. Após termos levantado alguns conceitos da sociologia configuracional de Norbert Elias, pretendemos agora delimitar a configuração e levantar a problemática. Em seguida, procuraremos explorar as possíveis interdependências do grupo estabelecido e na sequência pretendemos visualizar a constelação de forças e os

recursos de poder empregado pelos skatistas do grupo estabelecido no Complexo Ambiental Governador Manuel Ribas.

CAPÍTULO 2

A SKATE PLAZA NO COMPLEXO AMBIENTAL GOVERNADOR MANOEL RIBAS

2.1 O SKATE NO COMPLEXO AMBIENTAL GOVERNADOR MANOEL RIBAS

O Complexo Ambiental Governador Manoel Ribas está localizado no centro da cidade de Ponta Grossa, ao lado do Terminal Central e ao lado do Shopping Center Palladium. Situado entre a Avenida Vicente Machado e as ruas Ermelino de Leão e Benjamin Constant, o Complexo Ambiental Governador Manoel Ribas, conhecido também como Parque Ambiental ou Complexo Ambiental, desde o dia 14 de dezembro de 1996, quando foi inaugurado, tem sido um espaço de lazer para a população local.

Figura 1 - Imagem parcial do Complexo Ambiental Governador Manuel Ribas (2011)



Fonte: Arquivo do autor

O objetivo da construção do Complexo Ambiental era que o local se tornasse um dos cartões postais da cidade, além de proporcionar aos pontagrossenses um espaço de lazer e de sociabilidade. O espaço conta com quadras poliesportivas e parques infantis, abrigando ainda a Biblioteca Municipal e a Casa da Memória Paraná.

O local era o antigo pátio da RFFSA e começou a ser negociado ainda na década de 80, sendo motivo de disputa política entre a administração local e a comunidade. As negociações atravessaram três administrações culminando na construção de quatro praças (Praça do Ar, Praça da Água, Praça da Terra e Praça do Fogo) que seriam inspiradas na relação entre a cidade, a natureza e o homem, a fim de proporcionar experiências que valorizassem os sentidos humanos. Os idealizadores pretendiam que o usuário ao caminhar sobre as quatro praças tivesse a sensação de relacionar-se com os elementos fogo, ar, água e terra.

O Complexo Ambiental é alvo de críticas dos moradores da cidade. O argumento da população é voltado à baixa arborização do espaço e os poucos investimentos no local. Recentemente o espaço é alvo de melhorias e devido às críticas, o poder público tem procurado revitalizar o local com a plantação de árvores, grama e flores. No mais, destacam-se três obras que deram uma dinâmica diferente ao parque. Além da construção dos obstáculos para o skate que falaremos a seguir, foram disponibilizados para a população a academia para terceira idade e a pista para caminhada e corrida. A academia para a terceira idade tem um considerável público diário, assim como a pista de caminhada que já não pode suportar a quantidade de usuários nos finais de tarde.

Os skatistas começaram a apropriar-se do Complexo Ambiental já em 96. Segundo relato dos mesmos, o espaço, especialmente o espaço ocupado pelos skatistas hoje, era destinado à patinação. Apesar da constante repreensão dos guardas municipais, sob o argumento de que os skatistas tinham seu próprio espaço de atividades nas imediações do parque, os skatistas resistiam e estavam sempre utilizando o local.

Além deste espaço, onde os skatistas podiam realizar manobras no solo, haviam, ao lado do antigo depósito de cargas, blocos de granito que propiciavam aos skatistas diversão nos finais de semana, e ainda no Complexo Ambiental, ao lado da Estação Ponta Grossa, havia escadas que também eram aproveitadas pelos skatistas.

Figura 2 - Imagem dos blocos de granito ao lado do antigo depósito de cargas



Fonte: Arquivo do autor.

Figura 3 - Imagem das escadas que ficam ao lado da Estação Ponta Grossa



Fonte: Arquivo do autor.

Por volta do ano 2000, com os problemas hidráulicos no espelho de água, os skatistas também começaram a utilizar o espaço conhecido por eles como 'piscina'. Por apresentar um considerável espaço e bordas de lajota, favoráveis à prática do skate de rua, a 'piscina' começava a ser procurada já no final dos anos 90 e início dos anos 2000. A imagem que segue demonstra o espaço que já foi referência para o skate de rua em Ponta Grossa, sendo hoje objeto de intervenção da prefeitura.

Figura 4 – Espelho d'água



Fonte: Arquivo do autor.

Figura 5 – Lateral do Parque Ambiental



Fonte: Arquivo do autor.

Apesar dos skatistas já realizarem algumas atividades no espaço que é hoje destinado à prática do skate no Complexo Ambiental, foi a partir dos primeiros anos da década passada que os skatistas construíram caixotes e também instalaram no local alguns corrimãos como forma de apropriar-se do espaço.

Figura 6 - Apropriação dos skatistas da Pista de Patinação no Complexo Ambiental (2010)



Fonte: Arquivo do Autor.

Na segunda metade da década passada houve uma grande perda para os skatistas de Ponta Grossa, o que também influenciou no fluxo de skatistas no Complexo Ambiental. O Banks, pista localizada nas imediações do Complexo e construída ainda na década de 1980, foi destruído para que o local abrigasse um ginásio de esportes destinado a pessoas com deficiência. Este fato fez com que aumentasse o número de skatistas usuários do Complexo Ambiental, e ainda fez com que os guardas municipais não tivessem mais argumentos para proibir o skate no espaço que antes era destinado à patinação. Desta forma, os skatistas se apropriaram do lugar e constantemente reelaboravam seus obstáculos devido o desgaste natural provocado pelas suas atividades.

Com o fim do Banks, e mesmo com a construção de duas pistas na cidade ainda na década passada, o lugar preferido de grande parte dos skatistas de Ponta Grossa continuou sendo o Complexo Ambiental. Os skatistas reclamam das condições das pistas construídas, deixando claro que estas foram mal planejadas, não existindo nenhuma consulta àqueles que seriam usuários destes locais. Sendo

assim, as duas pistas, uma localizada no Núcleo Rio Verde e outra no Bairro da Santa Paula, não são bem vistas por grande parte dos skatistas da cidade.

Figura 7 - Imagem da Pista do Núcleo Rio Verde



Fonte: Arquivo do Autor

Figura 8 - Imagem de uma competição realizada na Pista do Núcleo Santa Paula



Fonte: Arquivo do autor.

Dentre as reclamações dos skatistas está a distância, o próprio mau planejamento da pista e a má condição das mesmas, uma vez que não há nenhum trabalho de manutenção nelas. Além disso, veremos que, segundo alguns skatistas, estas não acompanham o desenvolvimento da cultura do skate de rua. Vejamos

como este é um ponto importante para interpretarmos a configuração dos skatistas no Complexo Ambiental.

2.2 A TENDÊNCIA SKATE PLAZA NO COMPLEXO AMBIENTAL GOVERNADOR MANOEL RIBAS

Com a revitalização do Complexo Ambiental no ano de 2011 houve destinação de recursos também para área dos skatistas. Arquitetos da prefeitura estabeleceram contato com alguns dos skatistas locais que participaram das decisões da construção dos obstáculos. A tendência assumida pelos skatistas consultados foi o que chamamos de conceito Skate Plaza. A exclusão de rampas e a predominância de caixotes são as principais características do espaço como se observa na imagem a seguir.

Figura 9 - Espaço dos skatistas revitalizado pela prefeitura (2011)



Fonte: Arquivo do Autor.

Já vimos que o espaço do Complexo Ambiental há muito tempo vem sendo apropriado pelos skatistas. A concretização disso se dá agora com a construção dos

obstáculos viabilizados pela prefeitura. Para alguns skatistas, as obras se mostram insatisfatórias, visto que o espaço não comporta obstáculos como rampas e corrimãos. Aqueles que participaram das decisões em relação aos obstáculos, e que foram contatados pelos arquitetos da prefeitura, defendem que as rampas tomariam muito espaço, e que sendo assim, não suportaria a quantidade de usuários do local. Para outros skatistas, as coisas não se dariam exatamente desta forma. O modelo Skate Plaza seria uma tendência de um grupo determinado de skatistas. Neste sentido, o espaço poderia ter sido melhor aproveitado comportando uma maior diversidade de obstáculos. Vejamos agora alguns argumentos de usuários do local. Começamos pelos argumentos¹ contrários as obras realizadas:

“O importante é ter um espaço para o skate, né? Dedicado para o skate, né? Só que podia ser aperfeiçoado. Podia ter mais obstáculos. Porque é muito, só bem dizer caixote né. Devia ter mais obstáculos eu acho. Mas é importante. Melhor ter do que não ter, mas acho que deveria ter quarter, quarenta e cinco, corrimão. Como se fosse uma pista mesmo, né? Não só caixote. Não sei se isso é uma tendência né, mas eu vejo nos campeonato de fora tem também todos os obstáculos. Se fosse tendência geral, nesses campeonatos ia ter também só caixote, né?” (Juliano)

“O lugar é bom, mas os obstáculos são um pouco de iniciantes. Não tem muita coisa para fazer. Eu penso que teria que ter mais coisas. Ali só tem caixotes. Tinha que ter umas rampas caindo em caixotes, algumas transições, mais variedade. Dá para inventar altos obstáculos ali. No estilo plaza mesmo, mas não só caixote. Só caixote não é estilo plaza. E tudo é do mesmo tamanho. Ainda se fosse um caixote maior que o outro. Eu penso que para as pistas tem que ter transições e rampas. Tudo misturado, e pode ter este estilo plaza, mas também junto com algumas transições né. E os miniramps, até um banks se puder. Usar todos os espaços. Colocar tudo junto num lugar. E ali neste plaza não tem nem corrimão, não tem escada. Tinha que ter um corrimão pelo menos no chão ali. Se não, fosse numa escada descendo pelo menos no chão.” (Felipe)

“Agora o que podia melhorar mesmo, na real, na boa mesmo, tinha que fazer rampa aí. Se fizesse alguns tipos de rampa aí já tava limpo. Ou fazer uma outra pista. Isso aí para os caras que gostam dessa modalidade, e uma pista pra quem gosta de pista. Isso aí mesmo eu não considero como pista. Isso é obstáculo que a gente encontra no street cara.” (Cristiano)

“Igual aqui foi mais construído por influência de um pessoal que não gosta, tipo, de corrimão. Acho que faltaria um corrimão, um transfer. Igual aqui foi induzido mais pra um tipo de galera andar, por causa de um grupo que gosta mais de caixote e é o que tem aqui né. Não tem outra opção para você andar. Ou você anda no caixote, ou anda no caixote.” (Henrique)

¹ Para preservar a identidade dos participantes desta pesquisa optamos pela utilização de nomes fictícios.

“[...] só tem caixote, né? Essa foi uma ideia talvez dos piá que estão andando agora. Tipo a onda agora é os caixote, mas acho que o skate é vários obstáculos, né? Não é só um obstáculo. Porque aqui só tem um obstáculo. Sei lá, podia ter uma jump, um quarterzinho. Porque amanhã ou depois muda um pouco e quem começou a andar agora só vai saber andar em caixote.” (João)

Não é difícil perceber a insatisfação destes skatistas quanto às obras realizadas no Complexo Ambiental. Ainda que somente dois deles façam menção ao grupo de skatistas que é considerado o responsável pela elaboração do projeto local da Skate Plaza, os skatistas têm bem clara esta informação. As afirmações: “Isso aí para os caras que gostam dessa modalidade”, “aqui foi induzido mais para um tipo de galera andar, por causa de um grupo que gosta mais de caixote” e “Essa foi uma ideia talvez dos piá que tão andando agora. Tipo a onda agora é os caixotes”; tem um destino certo. Este destino é o grupo de skatistas que elaboraram o projeto da Skate Plaza.

É importante saber que especificamente todos estes cinco skatistas têm no mínimo 13 anos de skate. Isto significa que conseguem visualizar melhor as cadeias de interdependência do skate tanto em uma escala mundial quanto a uma escala local. Quando estes chamam a atenção para o fato do local não absorver um conjunto mais elaborado de obstáculos, entende-se que as experiências anteriores destes skatistas estão imersas em uma rede configuracional mais diversificada. As declarações enfatizam a predominância dos caixotes como um aspecto que inibe a prática de um skate mais completo. O vínculo que estes skatistas estabeleceram no espectro configuracional do skate é diferente do vínculo configuracional do relato dos skatistas que veremos a seguir. Antes de avançar em nossa argumentação, atentemos agora para a opinião do grupo favorável às obras realizadas no espaço dos skatistas do Complexo Ambiental.

“[...] rampa esses bagulho não precisa. Se colocar estraga. Não tem espaço. Porque se colocar mais coisa aí daí ninguém anda. Por causa do espaço, né? O espaço é muito curto. Pode ver, se você colocar uns 15 andando aí já fica meio apertado. Igual se colocar um corrimão no meio os caras vão ficar dando rockslide. Daí vão ficar andando no meio. Porque a trave vai ter que ficar no meio, né? Daí os caras iam ficar parado no meio, né? Porque daí os caras não vão vir no canto para embalar até lá. Fica sem espaço.” (Tiago)

“Eu acho que nesse ponto de vista de caixote, assim, acho que tem vários pontos de vista, tem vários pontos de vista se for analisar. Por exemplo, um deles seria o espaço, né? Todo mundo veio com a

ideologia de meter um quarenta e cinco e um quarter ali. Eu não sou contra nada disso, tanto que eu andei muitos e muitos anos na pista. Curto andar na pista, acho super 'legal'. Só que ali pense você, meter um quarter, um quarenta e cinco e uma savana. Uns 40 maluco naquele espaço. Se a gente andando em meia dúzia de banquinho, um palco, mais um caixotinho, você vê toda hora nego se batendo, todo mundo dando um de frente com o outro, tá ligado? Por um baita quarter, um baita quarenta e cinco, nego varando a savana toda hora, como que ia ser? Tanto que a gente lutou para um espaço maior já pensando nisso, tá ligado? Porque daí até dava. A gente ia tentar fazer um mini I.A.P.I mesmo tá ligado. Lá em Porto Alegre é assim, né? Tem a pista, quem quer andar na pista tá lá. Quem quer andar na praça tá aqui. Agora o cara escolhe. O cara pode andar nos dois." (Paulo)

"Tanto que a gente lutou e conseguiu esses espaço ali. A gente conseguiu os banquinho. [...] A gente não fez um monte de obstáculo ali justamente pelo lugar ser pequeno. Porque como é um lugar público ali se fizer muita coisa ninguém acaba andando. A gente fez obstáculo assim que é acessível para todo mundo andar. De uma altura razoável que todo mundo consegue andar. A gente não pensou somente nos que tem um grau a mais no skate. A gente pensou em todo mundo no geral." (Pedro)

"A gente sempre sonhou de ter alguma coisa ali para andar no ar livre. Coisas simples. É aquilo que tá lá na praça. Porque hoje em dia é o básico do skate, mas é o que todo mundo anda assim. Não tem rampa. Não tem nada. [...] Com relação aos obstáculos ali é mais pelo espaço, né? Imagina num domingo ali, 40 ou 50 pessoas tentando andar. É um cercadinho ali. É fechado. Não é uma área aberta. Então todo mundo ia querer ficar dentro do cercado ali. Então eu acho que uma savana, um spine, um quarter ou um quarenta e cinco ia ocupar muito mais espaço. Um banquinho daquele ali tem no máximo dois metros e 45 de largura. Uma savana ali já ia ocupar 3 metros quatro metros. Então fora a largura que ia ser uns dois ou três metros também. Então a gente ia perder muito espaço. Então veja: um obstáculo de seis metros ali no meio, mais um de quatro metros no canto. Ia perder muito espaço. Então por isso a gente optou por não fazer isso. O projeto também não era fazer uma pista. Era fazer um lugar tipo uma plaza. Uma praça de skate. Porque a intenção dos caixote e banco é ser natural. Tipo como se você tivesse andando na rua. São bordas que a gente podia tá andando na rua mas que os donos poderiam achar chato. Então a gente tenta criar essa imagem nos obstáculos." (Marcos)

"Eu prefiro mais andar na rua. Daí, o que mais se assemelha a rua é o Ambiental. É a borda. O palquinho que você vai encontrar na rua. Eu prefiro andar ali. [...] os obstáculos tão bom né cara. Eu creio que foi bem planejado ali pelo espaço que tava ali. Se colocasse outras coisas ia ficar ruim. Concordo que a altura dos obstáculos podia ser diferente e o acabamento né. [...] A minha opinião é que devia sair uma pista assim. Pública, mas uma pista boa. Porque ali dentro daquele cercado não ia dar pra agradar todo mundo. Se colocasse uma rampa ali os caras iam morrer ali. Ia dar óbito. Os caras já se arrebatam no palco. Imagina uma rampa. Então na minha opinião os caras deveriam projetar uma pista. Ali do lado, ou mais pra frente, com corrimão, com rampas, uma pista como deve ser mesmo. Savana, corrimão básico. Uma pista pros caras poder voar. Um spinão, não que a gente queira isso, mas daí já ia agradar todo mundo né. O cara que quer dar uns vôo vai pra lá. O cara que quer

dar um role no palquinho você vai ali. Eu acho que deveria ser feito assim.” (Lucas)

Comparando as falas do grupo anterior, insatisfeito com o espaço, com as falas deste grupo, verificamos a distância “ideológica” (como expressou o skatista Paulo) que perpassa o campo de exercício do poder local. Apesar das referências às dimensões do espaço serem recorrentes na fala deste segundo grupo de skatistas, para nós, essa parece não ser a questão principal. Muito mais que as limitações físicas do espaço, entendemos que parte dos skatistas locais assume uma tendência específica dada as interpenetrações na configuração do skate de rua. Provavelmente, se a proposta de construção fosse colocada nos anos de 80 e 90, o espaço comportaria rampas independentemente das dimensões do local. A questão é que os skatistas responsáveis pelo projeto estão vinculados de modo significativo às teias de interdependência de um skate que se diz atual e autêntico, enquanto que as rampas fariam parte de uma configuração ultrapassada que já faz parte da história.

Ainda que longas estas referências diretas aos discursos nos permite vislumbrar possíveis interdependências que são estabelecidas na configuração social dos skatistas do Complexo Ambiental. No decorrer do processo configuracional dos skatistas locais estas duas posições são os elos de interpenetração que dão significado à rede de atuação de cada skatista. Em outras palavras. Temos uma configuração de skatistas no Complexo Ambiental. Esta configuração revela pelo menos duas posições referentes ao espaço de prática. Neste contexto, existe um campo de exercício do poder, que por um lado é de cooperação entre o grupo de skatistas e que por outro lado é de conflito, onde se enfatiza as diferentes posições quanto à especificidade da constituição dos obstáculos. Os skatistas exercitam neste espaço funções recíprocas de interdependência. Ora vinculados ao grupo de skatistas, ora vinculados a um grupo específico de skatistas na configuração social.

Nosso objetivo é explorar esta configuração. Veremos adiante quais são os elementos envolvidos neste campo de exercício de poder. Nosso pressuposto é que a configuração do espaço é um dos recursos de poder do grupo estabelecido. Principalmente porque o grupo se sente responsável pelo destino que se deu ao espaço local. Isso permite que uma parte dos skatistas tenha condições de construir um ideal que demarcará fronteiras entre os que fazem parte do grupo-nós. Da

mesma forma serão considerados “eles” aqueles skatistas que resistem os seus elos de interpenetração.

É claro que o espaço da Skate Plaza é apenas um dos recursos de poder do grupo estabelecido, e o nosso trabalho é iluminar esta cadeia de interdependência. Ainda que nossa ênfase recaia especialmente no modelo Skate Plaza, veremos que há a construção de um discurso do grupo estabelecido que protege sua auto-imagem, levando o grupo a se reconhecer como um grupo coeso. Por este motivo consideramos este grupo como um grupo carismático. O grupo usa de variados artifícios e através deles procura garantir seu estilo de vida comum. Já vimos que a partir da noção de carisma podemos ter uma ideia de barreiras emocionais que em um primeiro momento não são identificáveis. Estas ponderações nos levarão aos cabos de guerra silenciosos da configuração dos skatistas no Complexo Ambiental.

Tratamos no capítulo anterior da multipolaridade das configurações sociais. Compreendemos melhor esta multipolaridade entendendo que configuração do skate é permeada de elos de interpenetração associados às diversas modalidades do skate. Atualmente estas modalidades estão cada vez mais imbricadas, como também cada vez mais especializadas. Isso faz com que os skatistas estejam submetidos a um perfil dentro da cultura do skate. A formação da identidade do skatista decorre de seu vínculo emocional com os elos de interpenetração estabelecidos no decorrer de sua própria experiência com o skate e com o grupo de skatistas com o qual se envolve.

No Complexo Ambiental pode-se verificar em uma escala menor, como as modalidades do skate são elos de interpenetração na formação de grupos. A escolha pela prática do skate em determinados obstáculos faz com que o skatista se associe a determinados grupos sociais. Nesse sentido, há um divisor de águas entre os skatistas. Como vimos, alguns skatistas manifestam clara insatisfação para com o repetitivo modelo Skate Plaza do Complexo Ambiental. Mesmo sendo eles skatistas, estes ficam condicionados pela elaboração configuracional do skate de rua. Configuração essa que foge ao seu controle visto que esta se dá em uma escala global.

Adiante trataremos de algumas das referências emocionais do skate de rua e do recente conceito Skate Plaza. Seus adeptos partilham das experiências cotidianas em uma dimensão diversa de alguns dos skatistas locais do Complexo Ambiental. As interdependências e interpenetrações do grupo estabelecido parecem

explorar valências emocionais em nível superior, o que permite estigmatizar aqueles que não se adequam a essas novas tendências, principalmente ao tipo de obstáculo construído no Complexo Ambiental.

Claro que tanto para nós como para a Sociologia Configuracional de Norbert Elias não compete declarar quem está errado ou quem está certo na situação. Quando falamos nível superior, não queremos dizer que a esfera de atuação dos skatistas estabelecidos é melhor que a dos skatistas que parecem não estar vinculados a elos de interdependência profundos em uma escala de nível mundial. Lembramos aqui, que o modelo de jogos já nos permitiu visualizar como as interpenetrações acontecem em uma imbricada teia de interdependência associadas ao processo de decisões e ações das pessoas e dos grupos envolvidos. O que nos importa é desvendar os elos de interdependência que vinculam os skatistas locais na configuração social.

Veremos agora como os skatistas se relacionam emocionalmente com os espaços de prática para entender melhor a configuração do skate de rua em uma escala maior. Atentaremos especialmente as skate plazas que vem nos últimos dez anos tendo um destaque em relação às antigas pistas dos anos 70, 80 e 90. Não que as pistas convencionais tenham acabado. Os elos de interdependência ainda podem ser visualizados na fala dos próprios skatistas do Complexo Ambiental. Mesmo assim, as rampas que parecem ser os mais indicativos traços dos espaços destinados a cultura do skate clássico, em Ponta Grossa vem perdendo adeptos devido a atuação de skatistas que talvez possam ter visualizado melhor as esferas de ação existentes, o que os coloca em vantagem na relação de poder por sua posição privilegiada.

É óbvio que esta situação não é declarada. No decorrer da pesquisa percebeu-se o receio de alguns entrevistados no que se refere à percepção da formação de grupos dentro da configuração do skate local. Pensamos que os cabos silenciosos somente se revelam aos sujeitos imersos na configuração social no espaço dos skatistas. Veremos agora com mais propriedade que existe um campo de exercício de poder tanto na órbita do pequeno espaço destinado a prática do skate no Complexo Ambiental, quanto na órbita de uma configuração mais alargada do skate de rua. Estes campos, a nosso ver, têm relação direta com as configurações do skate. Estamos dizendo aqui, que isto envolve a configuração do skate em diferentes dimensões, e é necessário elucidar alguns aspectos para

cumprir nosso objetivo de tornar a cadeia de interdependência dos skatistas do Complexo Ambiental mais transparente, como prevê a Sociologia Configuracional de Norbert Elias.

CAPÍTULO 3

AS CONFIGURAÇÕES DO SKATE DE RUA E O MODELO SKATE PLAZA

3.1 DESVENDANDO A CONFIGURAÇÃO: AS INTERPENETRAÇÕES E AS INTERDEPENDÊNCIAS AO LONGO DA FORMAÇÃO DO GRUPO SOCIAL DOS SKATISTAS

Neste momento veremos indícios das possíveis interpenetrações e interdependências encontradas no grupo de skatistas do Complexo Ambiental. Traçaremos aqui um panorama geral das modalidades do skate enfatizando seus espaços de prática e procurando estabelecer vínculos que repercutiram no espaço físico e social do grupo em questão. Nos aproximaremos das condições processuais do skate em uma dimensão mais alargada, tendo por objetivo identificar os processos de interpenetração que caracterizam a configuração social dos skatistas locais. O street skate e a emergência do modelo Skate Plaza são hoje elos de interdependência de boa parte dos skatistas que se vinculam emocionalmente com um estilo e com espaços específicos de prática. Estes servem de referência identitária dentro de uma configuração maior que é a própria configuração do skate mundial.

No primeiro capítulo, chamávamos atenção para necessidade de tornar as cadeias de interdependência mais transparentes. O processo histórico das interpenetrações e interdependências é fundamental para compreender de que modo ao longo do tempo os sujeitos vão construindo os elos que caracterizam as configurações, os grupos e os sujeitos na dinâmica social. Nosso propósito neste capítulo é justamente este. Vimos nos modelos de jogo de Elias que quanto maior a escala, ou esfera de ação, maior a complexidade das interpenetrações e interdependências das configurações. Começaremos a desvendar a configuração do skate de rua dando ênfase a um espaço que hoje é tendência mundial no que se refere à prática do skate. Veremos que as Skate Plazas não são apenas espaços aperfeiçoados para prática do skate de rua, mas ainda que estes espaços fazem parte das valências emocionais decorrentes dos processos configuracionais do skate.

Neste sentido, esperamos apontar algumas teias de interdependência que deram ao Complexo Ambiental o formato de hoje. Lembramos que a constituição deste espaço, do nosso ponto de vista, foi condicionada por um grupo específico que se apropriou de algumas características estéticas no âmbito do skate em uma escala internacional. Nossa tentativa é visualizar os possíveis elos de interdependência construídos pelo grupo de skatistas que é tido como responsável pelas obras no Complexo Ambiental. Na perspectiva histórica de algumas modalidades e de alguns espaços de prática procuramos ligações emocionais que fazem parte dos processos de interpenetração na configuração dos skatistas do Complexo Ambiental.

3.2 O SKATE, CONSTITUIÇÃO DE MODALIDADES E OS ESPAÇOS DE PRÁTICA

Para Mauricio Bacic Olic (2010), são quatro as principais modalidades do skate: o downhill, o vertical, o street e o freestyle. O downhill é realizado nas ruas, especificamente em vias urbanas com declive acentuado. A modalidade downhill pode ser subdividida no estilo slalom (onde o skatista contorna obstáculos) e no estilo speed (quando o skatista desce uma ladeira em alta velocidade). O skate vertical é uma modalidade realizada principalmente em pistas, e pode ser subdividida de acordo com seus espaços de prática. O half-pipe (pista em formato U), o bowl-riding (em formato de bola cortada ao meio) e o pool riding (praticado em piscinas vazias de fundo de quintal) são os espaços do skate vertical. O street skate, assim como o downhill é realizado nas ruas da cidade. Avançando em relação ao downhill, no street skate, o skatista faz uso das mais variadas possibilidades da arquitetura urbana. Bancos, escadas, guias, praças e monumentos são os principais obstáculos para os adeptos do street skate. Por fim, o freestyle é realizado em superfícies lisas não havendo necessidade de obstáculos ou transições. Nesta modalidade o skatista realiza seus movimentos em pequenos espaços, sendo possível multiplicar seus truques em um quadrado de três ou quatro metros (OLIC, 2010).

A constituição destas modalidades evidencia um processo contínuo de desenvolvimento das técnicas (com relação aos equipamentos) associadas ao desenvolvimento das habilidades dos próprios skatistas. Entre as décadas de 70 e 80 alguns fatos foram fundamentais para que o skate se diversificasse quanto às modalidades. Na década de 70, por exemplo, a descoberta das piscinas vazias da

Califórnia alavancou o nascimento do skate vertical. Nesta mesma década, a invenção das rodas de poliuretano permitiu que os skatistas tivessem mais aderência ao solo aprimorando o seu estilo. A década de 80 trouxe os ollies (saltar com o skate) e os flips (o skate gira em torno do seu próprio eixo em baixo dos pés dos skatistas) que permitiriam a entrada do street skate no cenário dos anos 90 como modalidade hegemônica. Ainda nos anos 90, o freestyle skate, modalidade que nos anos 70 e 80 era sempre vista em competições, quase desaparece, sendo incorporado ao street skate.

Já no final década de 80 as modalidades do skate estavam todas consolidadas. É claro que ainda havia muita coisa por vir, mas ao longo do tempo pode-se observar certa especialização das modalidades mesmo nas competições que já vinham sendo organizadas. A década de 80, e principalmente a década de 90, caracterizam-se pela evolução do street skate, como se pode verificar em registros visuais da época como as revistas (nos Estados Unidos: Skateboarder Magazine, Transworld Skateboarding, Thrasher Magazine; no Brasil: Overal, Yeah, Skate News e Skatin) e os vídeos (ver principalmente vídeo Bones Brigade). Todo este processo creditou ainda a década de 90, a construção de um grande mercado mundial do skate, o que permitiu a entrada do skate nos anos 2000 como uma das atividades esportivas mais praticadas no mundo. Percebe-se hoje pelas ruas jovens deslizando tanto sobre as grandes metrópoles, bem como em pequenas cidades interioranas.

No Brasil, o skate chegou aos anos 60. O principal relato destas memoráveis épocas está documentado no livro *“A Onda Dura: 3 Décadas de Skate no Brasil”* (BRITTO, 2000). O skate começa a sua trajetória no eixo Rio-São Paulo espalhando-se a partir daí para todo o Brasil. No relato dos próprios skatistas que vivenciaram o skate nas décadas de 70, 80 e 90, o livro *A Onda Dura* é uma das poucas fontes de acesso a constituição das modalidades do skate que temos tratado neste texto. Tendo estes relatos como referência verificamos a existência das sessions e dos campeonatos enfatizando as modalidades freestyle, downhill e vertical nos anos 70 e 80, e a chegada do street skate a partir dos anos 80 com sua consolidação nos anos 90.

Na primeira década dos anos 2000 o skate continua desenvolvendo-se em direção principalmente a duas modalidades: o street skate e o skate vertical. O street skate, segundo a Confederação Brasileira de Skate, atinge 95% dos praticantes no Brasil. Nestes dez primeiros anos do século XXI há poucas informações ou eventos

que enfatizam as modalidades freestyle ou downhill. Se compararmos com a modalidade street skate, que é destaque na mídia especializada, ou se compararmos com a modalidade skate vertical, que é grandemente enfatizada pelas mídias de massa, veremos que apesar da existência de adeptos, as modalidades freestyle e downhill acabaram perdendo espaço diante da hegemonia do street skate e do skate vertical.

Estas tendências no Brasil, para Marcos Cunha Ribeiro (2000), skatista que trata especificamente da década de 90, têm relação com a formação de uma nova geração de skatistas que, segundo ele, foram principalmente influenciados por fitas de vídeo e revistas internacionais (RIBEIRO, 2000). O street skate, para Ribeiro, incorpora o freestyle deixando alguns poucos adeptos desta modalidade, e uma geração de skatistas tanto do street skate como do skate vertical, representa cada vez mais a potencialidade brasileira em campeonatos mundiais que delimitam o skate principalmente em relação a estas duas modalidades (RIBEIRO, 2000). Estes fatos, somados à reprodução midiática em forma de revistas e vídeos, fazem com que o skate e os skatistas sejam reconhecidos principalmente a partir dessas duas tendências. Neste sentido, percebe-se que o skate passa, dos anos 2000 em diante, a estar vinculado cada vez mais com as reproduções midiáticas que ganharam corpo nos anos 90 com o advento da era digital.

Marcar, ainda que brevemente, esta trajetória das modalidades é importante, visto que estas informações envolvem o campo de exercício de poder do skate. As modalidades relatadas acima não só construíram fronteiras à prática do skate, como também se constituem em fronteiras para delimitação de grupos de skatistas interessados em defender a identidade fomentada pela sua modalidade. A emergência dos recursos midiáticos, recursos estes que antes dos anos 90 representavam um grupo mais homogêneo de skatistas, no decorrer do tempo evidenciam ênfase a algumas modalidades como veremos a seguir. Os espaços de prática, ao mesmo tempo em que se transformaram, tornaram-se referência identitária para os skatistas. O desafio é entender como as modalidades do skate hoje se configuram em espaços de poder e como possivelmente se deram e se dão as interpenetrações e interdependências do skate contemporâneo.

A diversidade de opções entre modalidades e estilos foi construída ao longo do tempo, mas mesmo que hoje possamos identificar uma grande variedade de espaços que possivelmente possam ser utilizados pelos skaters, as ruas das

idades são os espaços originais de prática. Segundo Tiago Wright van Deursen, os primeiros espaços de prática do skate foram os espaços das cidades, vinculando-se assim às paisagens urbanas da década de 50, 60 e 70 (DEURSEN, 2009). As modalidades do skate já referidas foram aos poucos caracterizando-se em decorrência dos terrenos em que os skatistas desenvolviam suas atividades.

As ladeiras parecem ter sido os primeiros desafios a serem enfrentados pelos skatistas. No vídeo *Skater Dater* (1965), podemos visualizar como os skatistas apropriavam-se da cidade e ao mesmo tempo construíam a identidade dessa atividade como uma atividade urbana. Considerado o primeiro vídeo da história do skate, o curta metragem, apresenta adolescentes descalços que transitam pelas ruas da cidade sob os olhares desconfiados dos moradores. Além de já evidenciar os conflitos dados entre os skatistas e os moradores das cidades, neste vídeo observa-se traços do downhill skate, do freestyle skate e mesmo do vert skate. As descidas da cidade representam a modalidade downhill e a realização de uma manobra chamada "plant" (manobra que corresponde à linguagem convencional "plantar-bananeira" sob o skate) é uma das referências da evolução das modalidades do skate que viriam a seguir. A manobra "plant", por exemplo, pode ser identificada na modalidade vert, bem como na modalidade freestyle, demonstrando o desenvolvimento processual das modalidades do skate contemporâneo.

Outra ligação profunda do skate, e que se considera revolucionária, é sua relação com o surf. Na década de 70, as ruas da Califórnia parecem ter dado o ponta pé inicial ao desenvolvimento do skate no mundo. Além da representatividade da região litorânea do sul da Califórnia na disseminação do skate, a qual foi palco do desenvolvimento de técnicas, modalidades e do estilo marcante dos surfistas de Dogtown. O documentário *Dogtown: Onde Tudo Começou* evidencia a importância do local, assim como a importância de um grupo de skatistas e surfistas no desenvolvimento do skate contemporâneo. Uma das contribuições fundamentais desta região e deste grupo é o que caracteriza hoje a modalidade vertical. O esvaziamento das piscinas devido uma grande seca que atingiu a Califórnia criou um ambiente propício para realização de grinds (manobra em que o skatista deslizava com os eixos sob as bordas da piscina), e, segundo o documentário, permitiu já em 1976 a execução da manobra aéreo (manobra em que o skatista perde o contato com o chão logo voltando a transição).

O nascimento do skate vertical geralmente é associado ao grupo de skatistas

de Dogtown. Estes, além de inovarem no estilo (visto que todos eles eram surfistas), parecem ter sido os primeiros a utilizar as piscinas da Califórnia como local para prática do skate. Leonardo Brandão relata que a invenção do skate vertical foi uma casualidade da seca no Estado da Califórnia (BRANDÃO, 2006). As transições das piscinas vazias, que diferentemente das piscinas convencionais no Brasil tem o fundo arredondado, serviram de palco para a concretização do skate vertical. A partir destas sessões nas piscinas, não demorou muito para que as pistas de skate ganhassem o cenário no skate mundial.

As pistas são simulações tanto das transições que poderiam ser encontradas nas piscinas, assim como simulações dos principais obstáculos encontrados nas ruas. Nas pistas é possível encontrar reproduções de bancos, escadas, corrimãos, rampas e transições. Estas pistas de skate, chamadas de skateparks, também representaram um grande avanço para o desenvolvimento das modalidades. Estes espaços preparados para a prática permitiram que os skatistas treinassem sem as restrições que poderiam encontrar em qualquer outro lugar da cidade. Sendo assim, podiam encontrar equipamentos urbanos artificiais onde podiam praticar e aperfeiçoar suas manobras com tranquilidade. É claro que isto facilitava suas sessões nas ruas visto que estariam preparados quando se deparassem com os picos do street skate propriamente dito.

Os “picos”, como são chamados os lugares de prática do skate na cidade, simbolizam a produção de sentido em meio ao espaço urbano. Estes, além de serem lugares com os quais os skatistas se identificam, são espaços em que se estabelece uma relação emocional. Nestes lugares, as experiências compartilhadas pelos skatistas são de intimidade e, desta forma, os lugares de prática acabam fazendo parte de sua identidade. Os skaters apropriam-se especificamente destes picos e procuram defendê-los. Isto porque são lugares em que exercem suas atividades, dividem suas experiências e constroem sua identidade coletiva.

Neste sentido, os skatistas sentem-se como um grupo especial e procuram defender seu estilo de vida urbano. Além do interesse pelo espaço físico em si, os skatistas procuram proteger estes espaços devido ao modo em que se apropriam deles, valorizando a memória e as experiências vividas nestes lugares. Para Mauricio Bacic Olic, os skatistas territorializam determinados espaços da cidade alterando a própria experiência de “fazer a cidade” e, ao mesmo tempo, acabam desterritorializando a ordem espacial, dando novos sentidos à arquitetura urbana e

imprimindo novos usos e novas práticas (OLIC, 2010, p.49).

Mesmo com a reprodução das pistas os skatistas continuam a apropriar-se das ruas. Na trajetória do skate é possível observar um envolvimento emocional com os espaços da cidade. Os picos representam esta relação e evidenciam que a rotina das skateparks quebra a personalidade nômade dos skaters. A rua é um dos elementos configuracionais dos skatistas, e os picos demonstram qualitativamente a reprodução deste fato.

Já afirmamos que as modalidades do skate, e mesmo os espaços de prática, são valências emocionais para formação de grupos na configuração social do skate. Estes grupos acabam estabelecendo vínculos com determinadas modalidades e, conseqüentemente, com os espaços de prática. Em Ponta Grossa, conseguimos identificar todas as modalidades do skate e grande parte dos espaços de prática. Mesmo que o skate vertical, o freestyle skate e o próprio downhill skate não sejam as modalidades hegemônicas, os traços destas modalidades não poderiam deixar de se apresentar no cotidiano dos skatistas locais. Estes traços já vêm se constituindo em delimitações grupais desde os anos 90. Entendemos que hoje há no mínimo três gerações de skatistas em Ponta Grossa. Existem aqueles que começaram a praticar suas atividades nos anos 80, aqueles que começaram a praticar nos anos 90 e aqueles que começaram nos anos 2000. Cada um destes períodos representa estilos de skate diversos. Vimos que nos anos 80 as modalidades ainda não haviam se especializado como nos anos 90. Pode-se presumir que a geração dos anos 80 era menos vulnerável a formação de grupos específicos dentro da configuração social do skate. O skatista overall (aquele que pratica suas atividades em todos os tipos de terrenos) ainda era o skatista desejável. A emergência do street skate nos anos 90, ainda que incipientemente, começou a delimitar melhor as especialidades do skate. Em Ponta Grossa, a segunda geração do skate representa essa quebra do paradigma overall. Os “streeteiros” despontam e modificam a distribuição de poder na configuração do skate local.

Entendemos que esta mudança de distribuição de poder tem relação direta com a especialização das modalidades, assim como com a mídia especializada que começa a enfatizar alguns espaços de prática específicos. Em Ponta Grossa, os skatistas começam a ter mais acesso às informações devido ao desenvolvimento dos meios de comunicação e da produção visual voltada para o skate. A geração da década de 80, apesar de participar dessas novas fontes de interpenetrações, estava

vinculada a interdependências que não poderiam de uma hora para outra ruir. Sendo assim, erguem-se barreiras afetivas e emocionais decorrentes das modalidades e dos próprios espaços de prática do skate. Alguns aderem elementos de um skate mais especializado enquanto outros procuram defender elementos configuracionais já formatados.

A reprodução visual na configuração do skate é um elemento importante para que possamos identificar as fontes de interpenetração que logo se tornam interdependências forjadas no grupo social de skatistas. As modalidades e os espaços de prática vão aos poucos formando teias de interdependências devido à disseminação de alguns elos de interpenetração veiculados pela mídia e pela própria experiência configuracional dos skatistas em seu cotidiano. A década de 90 é rica em fontes de interpenetração, visto que um grande desenvolvimento dos meios de comunicação com relação ao skate se dá neste período. Os vídeos de skate, as revistas e a própria internet constroem um sistema de informação configuracional. Os processos de interpenetração ficam mais complexos e é cada vez mais difícil se situar na configuração dos skatistas.

Tentaremos agora explorar alguns aspectos dos espaços de prática a partir de reproduções visuais, que sinalizam para alguns indícios configuracionais do skate que influenciaram a construção dos obstáculos no Complexo Ambiental. Veremos especificamente como o espaço da praça representa uma identidade coletiva defendida por alguns skatistas. Para nós, este é o fundamento do modelo Skate Plaza, e o fundamento escolhido para a construção no Complexo Ambiental. Este pico configura-se como um espaço de divertimento e um espaço de experiências compartilhadas que acabam tornando-se elos de interdependências costuradas por ligações emocionais. Este trabalho procura visualizar estes elos e estas ligações, por entender que a configuração dos skatistas do Complexo Ambiental está inserida em uma constelação de forças que envolvem diferentes dimensões de um processo de interpenetração. Atentaremos agora para alguns dos elos de interpenetração e de interdependência que pensamos repercutir em nosso campo de estudo.

3.3 A CONQUISTA DAS PRAÇAS E O CONCEITO SKATE PLAZA

As praças sempre foram um lugar simbólico da cidade. Elas são um espaço de encontro e de sociabilidade urbana muito antes do que os shoppings centers

atuais. Incrustadas nas cidades, as praças sempre representaram um espaço onde os cidadãos seriam colocados em presença. Grande parte das manifestações públicas acontece nas ruas das cidades, e grande parte delas tem como ponto de encontro as praças. Mas estes simbolismos que carregam as praças encontram também sentido nas experiências cotidianas dos moradores das cidades. Os passeios em família, os parques para as crianças, as quadras poliesportivas, os bancos em que os idosos descansam e trocam recordações, ou mesmo, os bancos em que os jovens casais namoram, são expressões da singularidade vivida por cada usuário desse espaço social.

Os skatistas, da mesma forma, partilham deste espaço de vida urbana. Seu contato com este espaço parece ter se dado intuitivamente, visto que as praças com seus bancos, escadas e monumentos, são espaços ideais para a prática urbana do skate de rua. Estas qualidades, somadas à efervescência que acompanha o andamento das cidades, tornaram as praças lugares convidativos para o flaneur deslizante (BRANDÃO, 2006). Não se pode dizer quando este espaço se tornou referência para os skaters, mas a reprodução destes espaços na cultura do skate faz com que a praça seja um símbolo de conquista e de apropriação das ruas.

Nos Estados Unidos, dentre as referências veiculadas pelos vídeos e revistas que chegavam ao Brasil nos anos 90, o principal espaço público do qual os skatistas apropriaram-se de modo especial parece ser a Love Park. Esta, localizada no centro da cidade de Philadelphia, com suas numerosas bordas de granito, bancos e escadas, tornou-se um espaço emblemático da cultura do skate de rua. Skatistas do mundo inteiro iam à Love Park experimentar as sensações que o lugar proporcionava não apenas por suas qualidades físicas, mas ainda pelo que a Love Park representava na cultura do skate de rua.

Desde 1980, a Love Park era explorada pelos skatistas locais. Mas foi nos anos 90 que este lugar se popularizou. Mesmo com a proibição do skate, a partir de 1995, quando a prática no local passou a ser considerada ilegal, as sessões se estenderam até 2001, época em que foram aprovadas emendas que aumentavam as multas aplicadas aos skatistas que não resistiam à sedução do lugar. Em 2002, houve uma revitalização da Love Park que inviabilizava prática do skate. A colocação de vasos de plantas e bancos de madeira, nos lugares mais utilizados pelos skatistas, era sinal das restrições públicas quanto à permanência dos skatistas no local.

Figura – 10 Um dos skatistas locais da Love Park e dos vasos que procuraram inviabilizar os espaços utilizados pelos skaters



Fonte: <http://skateboarders.le-site-du-skateboard.com>

A proibição do skate na Love Park passou a acontecer de forma mais efetiva com o maior policiamento e com o aumento das multas aplicadas para aqueles que arriscassem algumas manobras. O prefeito da cidade acabou sendo considerado pelos skatistas um carrasco que matou um dos principais “picos” do street skate norte-americano. Pode-se constatar este fato no vídeo-revista *On Skatebord*.

Figura 11 - Capa do vídeo-revista que evidencia os laços de interdependência construídos na Love Park



Fonte: <http://shit-cake.blogspot.com>

O vídeo demonstra como o espaço Love Park tornou-se um espaço significativo para skatistas do mundo inteiro. Além de entrevistas com skatistas profissionais como Josh Kalis, Stevie Willians, Richy Oyola e Bam Margera, uma seleção de imagens demonstra a potencialidade do espaço Love Park para o desenvolvimento dos próprios skatistas e para o desenvolvimento do skate de rua. O vídeo conta também com a participação de Edmund Bacon, arquiteto que desenvolveu a ideia Love Park e parceiro dos skatistas em suas reivindicações a favor de uma Love Park livre para o skate.

Estes aspectos da trajetória Love Park deixam evidente como os laços de interdependência com relação ao espaço vão cada vez mais tornando-se vínculos emocionais, pelos quais os skatistas se unem. Antes mesmo do vídeo-revista *On Skateboard*, que aponta para a proibição da prática do skate na Love Park e os malefícios causados por esta na cultura do skate mundial, revistas como a *Skateboarder Magazine*, a *Thrasher Skateboard Magazine* e principalmente as produções da *411 Vídeo Magazine* e *Transworld Skateboarding*, já haviam dado a devida atenção para o lugar que se tornou um lugar simbólico dentro da cultura do skate de rua mundial. Qualquer skatista, antenado com o mundo do skate através

destes meios de comunicação na década de 90 e início dos anos 2000, não deixa de se lembrar das imagens da Love Park.

Não é necessário dizer que estas não são simples imagens de um vídeo qualquer. A reprodução destas imagens faz com que cada skatista experimente a sensação de estar na Love Park ainda que visualmente, ou mesmo, faz com que o skatista tenha vontade de ter sua própria Love Park. Não é difícil imaginar quantos skatistas, após assistirem em um vídeo a Love Park, não olhavam para as praças de seus bairros e imaginavam como seria ter uma Love Park logo ali. A Love Park faz parte dos elos de interdependência do skate mundial. As interpenetrações e as ligações emocionais que este lugar carrega não são apenas em relação aos skatistas locais. Aonde suas imagens chegaram, as teias de interdependência foram afetadas.

No Brasil, a Praça Roosevelt e o Vale do Anhangabaú em São Paulo são as expressões mais significativas do skate de rua brasileiro, pelo menos nas experiências dos paulistanos que acabaram por se disseminar no país. A Praça Roosevelt, descoberta pelos skatistas ainda na década de 80, foi um ponto de encontro fundamental para o desenvolvimento de vários atletas profissionais que são conhecidos em todo Brasil, e até de atletas que são conhecidos em todo o mundo. A praça hoje passa por reformas e em seu projeto não há nenhuma consideração pelos skatistas que tanto tempo deram vida ao lugar.

O Vale do Anhangabaú também é um local conhecido mundialmente pela cultura do skate. É um dos “picos” mais procurados pelos skatistas de rua na cidade de São Paulo. Uma espécie de arquibancada de granito e a sua centralidade é o diferencial que leva skatistas do mundo inteiro ao local. O Vale do Anhangabaú passou a ser um dos principais picos de São Paulo depois de algumas obras de reurbanização no início dos anos de 90 (OLIC, 2010, p. 101). A prática do skate no local está também presente em vídeos magazines do mundo inteiro, sendo assim, um dos principais espaços de prática do skate de rua no Brasil.

Figura 12 - Imagem da Praça Roosevelt



Fonte: <http://www.tsavkko.com.br/>

Figura 13 - Imagem do Vale do Anhangabaú



Fonte: <http://espnbrasil.espn.com.br>

A prática do skate nestes lugares é um forte indicativo do significado que a prática do skate de rua tem na cultura do skate. Para se ter uma ideia desta ligação emocional, hoje, há várias Skate Plazas que estão sendo construídas no mundo inteiro. Mudou-se o próprio modelo que se tinha de pista dos anos 90. Na primeira década do milênio, iniciativas foram tomadas tentando recuperar artificialmente os picos de rua mais conceituados. No Brasil, em 2001, a Praça Frederico Ballvê, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, mais conhecida pelo nome de IAPI, Instituto de Aposentadoria de Pensões dos Industriários, trouxe o conceito de “skatepark sem rampas”. Termo este que deixa expressa uma tendência do skate de rua mundial.

Figura 14 - Imagem da Praça Frederico Ballvê



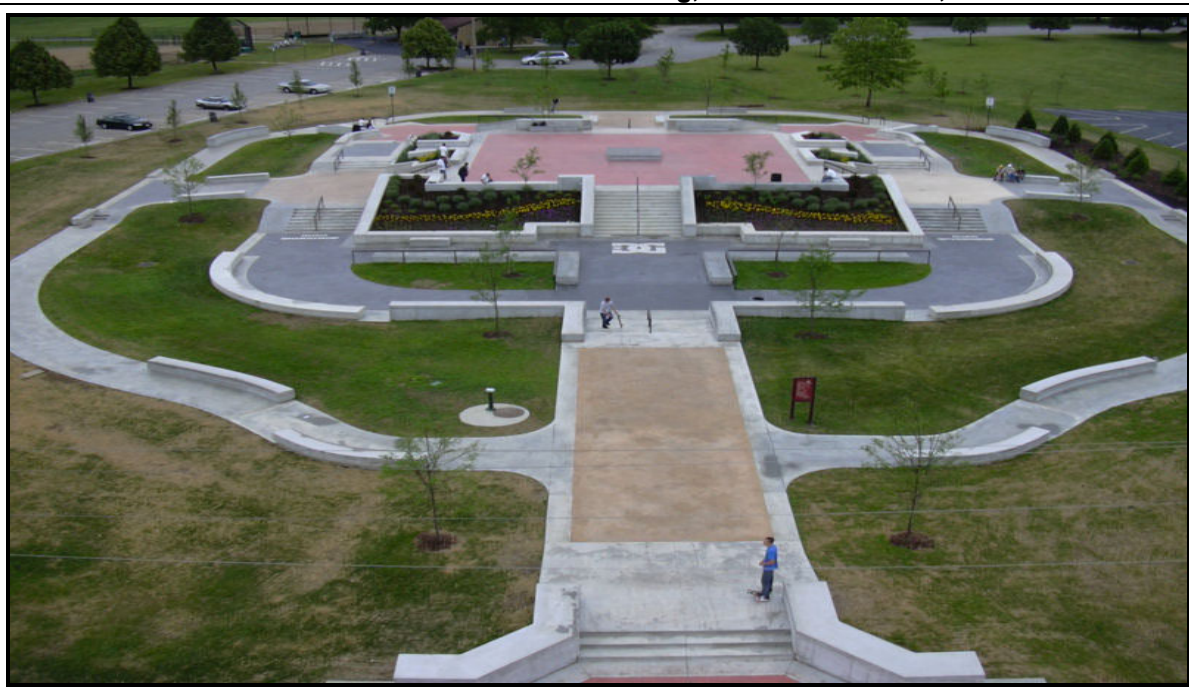
Fonte: <http://www.converseskateboard.com.br>.

O modelo IAPI, segundo a edição 154 da Revista 100% Magazine, comporta réplica dos bancos da Praça XV, do Rio de Janeiro, réplica da escadaria da Praça Matriz em Porto Alegre, e réplica dos degraus do Vale do Anhangabaú, além de blocos semelhantes ao Paral-lel, da cidade de Barcelona na Espanha (atualmente um dos lugares mais visitados pelos skatistas do mundo). Na imagem é possível observar claramente o diferencial do modelo Skate Plaza e do que tradicionalmente chama-se skateparques. Mais abaixo, a demarcação em vermelho representa as

pistas mais conhecidas entre os anos 90 e início dos anos 2000. As skateparques, que também eram simulações do skate de rua somadas a algumas transições com trilhos e caixotes, hoje se adaptam às transformações na cultura do skate de rua. Percebe-se que o espaço maior é destinado a uma área onde predominam os caixotes, os palcos e as escadas.

A pesar do surgimento da IAPI ter se dado em 2001, já com o tipo de inovação da modalidade do skate de rua que queremos enfatizar aqui, a popularização do modelo que hoje é conhecido como Skate Plaza, veio com a Rob Dyrdek Foundation. Esta, segundo o site da Fundação Rob Dyrdek, visa fornecer às comunidades praças de skate, aumentando e incentivando a participação ativa das pessoas no skate, promovendo ainda comunidades saudáveis e sustentáveis através do skate, além de desenvolver Skate Plazas em municípios de todo o mundo. Ainda segundo a Fundação Rob Dyrdek, o conceito de Skate Plaza tem uma perspectiva diferente da maioria dos skateparques modernos que consistem em rampas verticais e half pipes. O Skate Plaza, para a Fundação Rob Dyrdek, se assemelha a uma praça pública em uma cidade, sendo este modelo essencial para o futuro do skate.

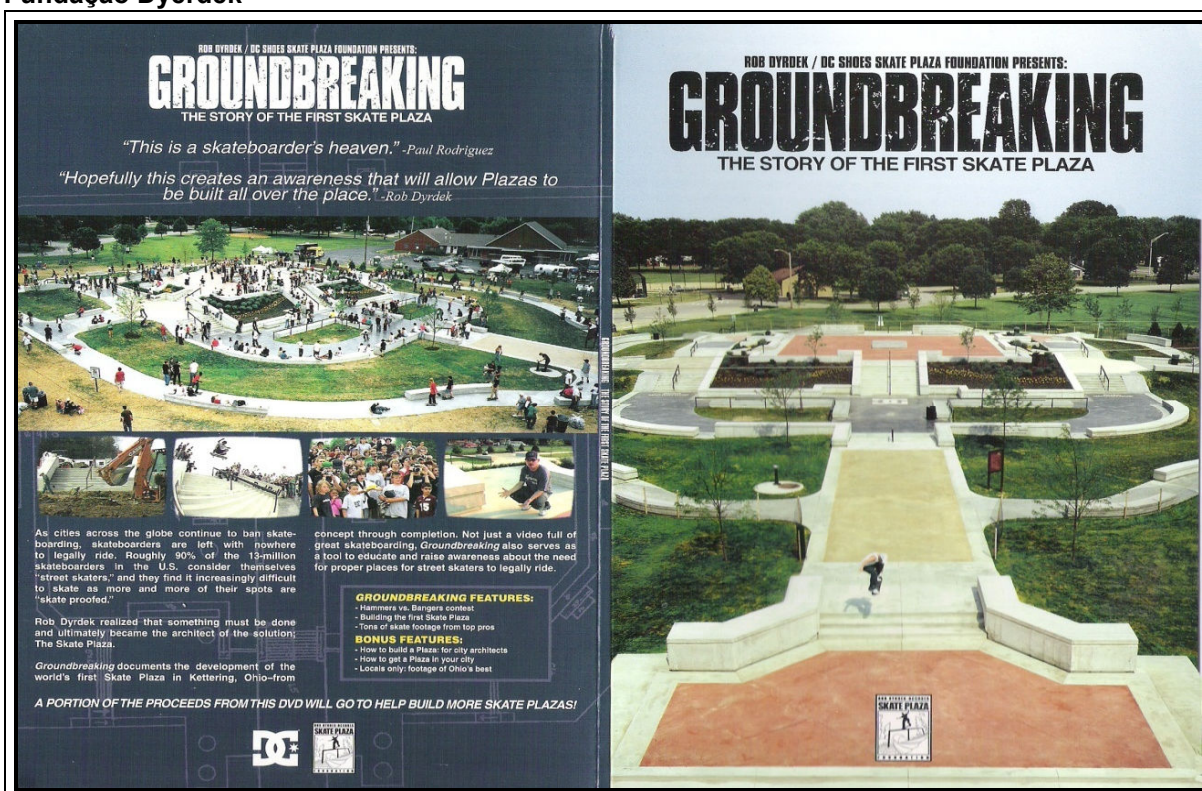
Figura 15 - imagem apresenta o modelo Skate Plaza. Esta foi a primeira Skate Plaza inaugurada no ano de 2005 e fica localizada na cidade de Kettering, no estado de Ohio, Estados Unidos



Fonte: <http://robdyrdekfoundation.org>.

Segundo Rob Dyerdek, a inspiração e as iniciativas para a construção das Skate Plazas foram tomadas depois de tanto ouvir que outras pessoas planejavam recriar lugares clássicos da rua em um espaço em que não tivessem problemas com as autoridades. Para Dyerdek, as skateparques tradicionais sempre farão parte da cultura do skate, mas nunca vão desempenhar o papel que o skate de rua tem. Dyerdek propõe uma solução simples: construir Skate Plazas semelhantes ao que encontramos no real.

Figura 16 - Capa do vídeo-revista que conta a história da primeira Skate Plaza construída pela Fundação Dyerdek



Fonte: <http://www.skatevideosite.com>

Em Curitiba, a aproximadamente 100 km de Ponta Grossa, também encontramos manifesta a tendência Skate Plaza. A Praça CWB, localizada no Bairro do Cabral, figurou por três anos e meio um dos lugares mais procurados de Curitiba pelos adeptos do skate de rua. O idealizador do local, Guilherme Labiak, diz ter tido como referência para a construção da Plaza uma reportagem sobre o conceito de Rob Dyerdek. Como era um lugar privado, a falta de apoio e patrocinadores levou ao fechamento da Praça CWB. Mas assim como a IAPI, não deixou de ser uma referência para todo o Brasil do modelo Skate Plaza.

Figura 17: A Praça CWB



Fonte: <http://cwb-arsenalbmx.blogspot.com>.

Como podemos perceber, o conceito de Skate Plaza procura reproduzir lugares que podem ser encontrados na cidade, e que por um motivo ou por outro não podem ser utilizados pelos skatistas. Dyerdek, responsável pela disseminação do conceito Skate Plaza, relata que uma das suas inspirações foi a própria Love Park que já mencionamos aqui como um dos lugares mais significativos do skate de rua mundial. cremos que todos estes lugares mencionados fazem parte das interpenetrações e interdependências do skate de rua. Estes relatos sintetizam os principais espaços de prática veiculados pelas mídias que tem o skate como objeto central de publicações. Este levantamento de algumas reproduções visuais, dando ênfase à prática do street skate nas praças relacionado à emergência do street skate, dá uma ideia das mediações que podemos encontrar em nosso campo de estudo. Ao acompanhar este levantamento inicial de alguns espaços da prática do street skate, principalmente com relação às praças e às Skate Plazas, esperamos ter identificado possíveis interpenetrações e interdependências que influíram no espaço de prática dos skatistas do Complexo Ambiental. Passaremos agora desta escala maior para propriamente o espaço local.

3.4 AS INTERPENETRAÇÕES E INTERDEPENDÊNCIAS DA SKATE PLAZA DO COMPLEXO AMBIENTAL

Atentos às falas do segundo grupo explorado no capítulo anterior, percebemos que pelo menos dois deles mencionaram a IAPI. O local, que também foi explorado por nós neste capítulo, representa na configuração dos skatistas do Complexo Ambiental um dos elos de interdependência possível na complexa rede emocional do grupo social dos skatistas. Diante desta constatação, entende-se aqui que o grupo responsável pelas obras no Complexo Ambiental está vinculado especialmente a estas cadeias de interdependência que deram sentido às Skate Plazas. Mesmo que o único modelo de Skate Plaza dado pelo grupo de skatistas tenha sido a IAPI, o contexto da configuração dos skatistas nos levou a enveredar pelos espaços de prática mais conhecidos em uma escala mundial e nacional. A IAPI, quando citada pelos skatistas, não é somente um exemplo do espaço de prática dos skatistas na contemporaneidade. Esta, na perspectiva dos processos sociais, traz traços de interpenetrações que procuramos explorar ao longo deste trabalho. A IAPI envolve uma complexa rede de interdependências em torno das modalidades do skate e como vimos em torno dos espaços de prática dos skatistas.

Entendemos que a identidade-eu, o grupo-nós, a identidade-ele e o grupo-eles podem ser delimitados na configuração dos skatistas a partir das modalidades e dos espaços de prática. Se a construção das configurações sociais se dá por meio de interpenetrações e interdependências, como Elias nos propõe, isto nos indica as possíveis fronteiras emocionais erguidas em torno do espaço social do Complexo Ambiental. A concretização da Skate Plaza se deu em uma constelação de forças onde foram empregados recursos de poder em defesa da identidade de um grupo específico da configuração dos skatistas locais. Pode-se perguntar aqui: Por que não houve uma contrapartida de algum outro grupo de skatistas, se vimos que havia discordâncias com relação ao local? Responderemos a este questionamento recorrendo à figuração estabelecidos-outsiders que exploramos no primeiro capítulo.

O grupo estabelecido se associa das interdependências do skate de rua contemporâneo, e estas interdependências enfatizam alguns obstáculos no âmbito das interpenetrações. Isto se dá devido à identificação do grupo com skatistas especialistas do skate de rua. Alguns skatistas brasileiros como Alex Carolino, Rodrigo Gerdal, Patrick Vidal, Gian Naccarato e Rodrigo Lima, por exemplo, são

skatistas que na produção midiática especializada são considerados skatistas *streeteiros*. Estes skatistas foram citados como principais referências para os skatistas do grupo estabelecido. O grupo que demonstrou descontentamento com a obra realizada no Complexo Ambiental é menos enfático com relação a este tipo de referência. Em nossas entrevistas não se identificou, por parte do grupo insatisfeito com as obras no Complexo Ambiental, nenhuma referência quanto a skatistas que poderiam tornar-se modelo para um grupo de estilo de skate coeso.

Este fato é um dos exemplos que podemos levantar para demonstrar os diferenciais de coesão e de integração entre os skatistas do Complexo Ambiental. Os skatistas responsáveis pelas obras no Complexo Ambiental conseguem estabelecer um estilo de skate comum, que é o skate de rua, e ainda conseguem estabelecer referenciais dentro da configuração do skate nacional. Estes elos de interdependência servem para a integração do grupo estabelecido e demarcam as fronteiras entre o grupo-nós e o grupo-eles. Enquanto se percebe certo nível de coesão e de identificação no grupo-nós, se consegue perceber também o grupo-eles, que, como não tem referenciais específicos dentro da configuração dos skatistas, são tomados como skatistas indefinidos. Ou seja, “eles” fazem parte do grupo anônimo, sendo “nós” o grupo ideal e autêntico.

Vimos que um grupo carismático procura sempre afirmar sua auto-imagem impondo a crença de sua superioridade. Um estilo de vida comum e um conjunto de normas sociais fazem do grupo carismático um grupo que tem orgulho de sua graça e de sua virtude imaginária. O ideal de nós, que enfatizamos aqui como um dos pontos centrais para a construção da Skate Plaza do Complexo Ambiental, é decorrente da disposição do grupo estabelecido na configuração do skate de rua na contemporaneidade. O estilo de vida comum e as normas sociais do grupo, a nosso ver, têm relação direta com as modalidades do skate com que os skatistas se identificam e com os espaços de prática que o grupo estabelece vínculos emocionais. Enquanto há coesão do grupo carismático a partir de referenciais de modalidade, de espaço de prática e mesmo de alguns skatistas de referência, não se pode identificar no grupo insatisfeito com as obras do Complexo Ambiental as mesmas qualidades. Sendo assim, na configuração do skate do Complexo Ambiental, temos tanto um grupo carismático, bem como um grupo anônimo, em um campo de exercício de poder, o qual coube a nós desvendar.

A emergência do skate de rua, nos finais da década de 80 e início da década

de 90, dá agora sinais mais claros da especialização das modalidades em Ponta Grossa. Isto porque, a Skate Plaza do Complexo Ambiental acaba representando uma modalidade mais específica do que até então representavam as skateparques da cidade. Além disso, a concretização da obra acabou envolvendo um grupo de skatistas vinculado a determinados elos de interdependência do skate de rua. Como se percebeu, alguns dos skatistas do Complexo Ambiental não se vinculam às mesmas categorias do grupo estabelecido. Este fato potencializa tanto a cooperação para formação do grupo carismático, como também potencializa a tensão na configuração do grupo de skatistas do Complexo Ambiental. O levantamento de fronteiras emocionais, associadas à modalidade ideal que a Skate Plaza preconiza, é tanto um elo de integração como uma pedra de toque no que se refere ao descontentamento de parte dos skatistas do Complexo Ambiental. Os skatistas menos especializados, e de certa forma indefinidos no âmbito das cadeias de interdependência do skate, acabam insatisfeitos com os limites que a Skate Plaza do Complexo Ambiental coloca à prática de um skate mais completo.

Como vimos, o modelo Skate Plaza tem uma história e um contexto configuracional. No espaço do Complexo Ambiental, este modelo está associado à ação de um grupo que construiu elos de interdependência que favorecem um estilo de skate específico, e à prática do skate em determinados locais. O grupo que é tomado como responsável pelas obras no Complexo Ambiental tem algumas preferências quanto aos obstáculos onde se exerce a modalidade do skate de rua, e ainda conta com alguns skatistas de referência que favorecem uma identidade coletiva e reforça um estilo de vida comum. Todos estes vínculos do grupo tornam-se fantasias grupais pelas quais é possível delimitar as fronteiras entre o grupo-nós e o grupo-eles. Estabelece-se assim uma “imagem do nós” e um “ideal do nós” no Complexo Ambiental, a partir da opção pelo modelo Skate Plaza. A Skate Plaza, no Complexo Ambiental, é a rotinização da crença carismática que reforça a auto-imagem e a identidade coletiva de um grupo estabelecido, sendo assim, um dos recursos de poder que o grupo estabelecido usa para reforçar e preservar sua identidade. As implicações destas afirmações ainda serão exploradas neste trabalho, mas já é possível visualizar que os níveis de integração dos dois grupos que discordam sobre os aspectos relacionados a Skate Plaza do Complexo Ambiental causam rupturas entre os grupos, criando certas divergências na configuração, e isto em parte tem a ver com as interdependências e interpenetrações do skate de rua e

especificamente com o modelo Skate Plaza.

Neste capítulo, procuramos identificar possíveis referências configuracionais quanto às modalidades e aos espaços de prática que deram subsídios à Skate Plaza no Complexo Ambiental. É claro que o grupo estabelecido faz uso de outros recursos de poder na configuração. Veremos alguns deles na sequência deste estudo. Nosso propósito até aqui foi pensar como se constroem configurações a partir dos espaços de convivência. As interdependências, neste processo de construção da identidade dos skatistas, acontecem principalmente via mídias especializadas. Por isso, exploramos algumas imagens e informações a respeito destas reproduções visuais. Chegamos à constatação de que as praças são espaços que revelam aspectos emocionais que formam elos de interdependência. Vimos que o conceito Skate Plaza surge destes vínculos que os skatistas estabeleceram com o lugar. A representação destes lugares no mundo inteiro é disseminada através de vídeos magazines, onde a reprodução das praças utilizadas pelos skatistas cria elos fundados sobre a relação emocional que envolve o skate de rua. A configuração dos skatistas do Complexo Ambiental está interpenetrada nestes elos. A formação dos grupos de skatistas não está dissociada de todas as implicações dos processos de interpenetração da dinâmica configuracional. Esperamos ter dado alguns passos na interpretação dos processos sociais que influenciaram na configuração dos skatistas do Complexo Ambiental. Intentamos agora explorar um pouco mais este campo de exercício de poder, atentos a alguns recursos utilizados pelo grupo de skatistas carismático.

CAPÍTULO 4

O CAMPO DE EXERCÍCIO DE PODER NA CONFIGURAÇÃO DO SKATE NO COMPLEXO AMBIENTAL GOVERNADOR MANOEL RIBAS – COMO SE DÁ A ATUAÇÃO DO GRUPO ESTABELECIDO A PARTIR DE UM EVENTO LOCAL

4.1 AS INTERDEPENDÊNCIAS, AS INTERPENETRAÇÕES E O USO DIÁRIO DE RECURSOS DE PODER

Pretendemos neste capítulo entender como o grupo carismático, ou seja, o grupo estabelecido, faz uso de alguns recursos de poder no cotidiano da Skate Plaza do Complexo Ambiental. No capítulo anterior, o que pretendíamos era deixar claro como o processo de constituição das modalidades e dos espaços de prática do skate foi significativo, para, então, entender a dinâmica configuracional dos skatistas locais. Aqui, a partir de observações realizadas em um evento local, evento este que aconteceu no início do ano de 2011, pouco antes da skate plaza do Complexo Ambiental ser construída, intentamos levantar alguns aspectos da rede de interdependência do grupo estabelecido que afetam a distribuição de poder na configuração dos skatistas do Complexo Ambiental.

Um evento, como veremos a seguir, é um espaço de interpenetração privilegiado no campo de exercício de poder, mas este evento é apenas uma síntese dos processos de interpenetração diária. Devemos frisar aqui, que as interdependências e as interpenetrações que envolvem os temas e os recursos de poder tratados nesta sessão puderam ser identificados no cotidiano dos skatistas do Complexo Ambiental, e nas próprias entrevistas realizadas com os skatistas. Além das categorias de modalidades e das categorias que podemos eleger com relação aos espaços de prática, já dissemos que há outros recursos de poder implicados na configuração dos skatistas do Complexo Ambiental. É através destes recursos que o carisma do grupo estabelecido é disseminado. Nosso objetivo aqui, é explorar estes recursos de poder a partir de um evento que foi organizado pelo grupo responsável pela construção da Skate Plaza.

4.2 ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE E OS EVENTOS COMO RITUAL DE INTERAÇÃO: NOTAS DAS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS DOS SKATISTAS NA CIDADE DE PONTA GROSSA

Em Ponta Grossa, não se tem ideia de quais foram os primeiros skatistas da cidade. Podemos intuir que nos anos 70 já havia alguns skaters deslizando sobre as ruas princesinas. Os relatos mais primitivos, além de frisarem as sessões do skate de rua, retomam um espaço de prática que parece ter sido importante para reunião dos skatistas de Ponta Grossa. Ainda na década de 80, as imediações da Igreja São José, localizada no bairro de mesmo nome, parece ter sido um dos primeiros espaços a transformar-se em lugar significativo de prática do skate. Este lugar, além de ser um espaço de prática, era um espaço onde os skatistas podiam se encontrar, exercitando a sociabilidade e cada vez mais chamando a atenção de outros jovens para a prática do skate. Vejamos o relato de experiência de dois skatistas com relação ao skate na Igreja São José. Estes skatistas iniciaram no skate ainda na década de 80, e participaram do primeiro grupo de skatistas que se tem notícia na cidade.

“Não tinha pista na época, isso em 88, né? A pista surgiu em 89, mas daí a maioria andava na rua. Teve campeonato na rua. Dois campeonatos aconteceram na rua. Porque não tinha muita gente que andava. A gente andava mais na igreja São José ali. Andava por tudo, né? Mas a gente ficava mais na igreja São José ali. Às vezes, os caras tinham uma rampa lá no Jardim América, daí íamos lá. Mas se encontrava sempre na São José, daí íamos para outros lugares.”
(Juliano)

“A gente andava bem na frente da São José ali, na guiazinha da entrada da igreja, fazia as rampas na rua e fazia uns campeonatos ali. O primeiro campeonato rolou ali na rua. Na frente da igreja. Sem permissão de prefeitura, nenhuma. A gente só encheu de obstáculo na rua e foi, e lotou de galera em volta da rua. [...]. A galera mesmo que fazia as paradas. Os caras da São José ali. Os caras mesmo montavam tudo e ficava ali, o dia inteiro até de madrugada. Daí nessa época que eu comecei a andar, a gente saía fazer sessão do norte ao sul da cidade. De um lado para outro, de uma ponta a outra assim. Durante o dia e durante a noite, só pra andar de skate. Só procurando lugar para andar e andando. Sem parar, direto.” (Ricardo)

Estes relatos fazem referência a um dos primeiros espaços de reunião dos skatistas na cidade de Ponta Grossa. Estavam por vir outros picos e pistas que cada vez mais dariam condições para que os skatistas se reunissem e trocassem

informações a respeito da cultura do skate pontagrossense em formação. Como ainda não existia uma rede de comunicação intensificada sobre o skate na grande mídia, aos poucos algumas lojas especializadas traziam equipamentos para o skate e organizavam campeonatos para disseminação do esporte na cidade. Vimos acima que, os dois skatistas fazem menção ao campeonato realizado na Igreja São José. Este “ritual de interação” (GOFFMAN, 2011), na cultura do skate, é significativo não apenas porque dá visibilidade a atividade, mas ainda porque as experiências dos campeonatos vão fazendo parte da identidade dos skatistas locais, reforçando o ideal do nós na rede de configuracional dos skatistas. Vejamos, a partir de outro relato de Ricardo, como estes eventos vão funcionando como uma rede de experiências que não são simples experiências singulares.

“[...] em 89 teve a primeira maratona de skate. Isso foi quando inaugurou a Ângulo, uma surfskateshop que era bem na Rua 15 aqui. Então, esse evento foi na frente do Oscar Pereira. Foi fechada a rua e a galera da Maha de Curitiba trouxe uma miniramp, montou uma miniramp no asfalto ali, bem na frente do ginásio Oscar Pereira e aquilo ali lotou cara. Daí teve uma gincana e a galera descia a Balduíno Taques inteira de skate. Não sei quantas cabeças tinham ali, mas tinha dezenas de cabeças naquela época, sem falar a galera de fora que tava aí, né? Daí a galera desceu e ficou fechada a rua de galera. Daí a miniramp tava lotada, né? Aí quem estava de fora fazendo apresentação era o Piolho, o skate era maior que ele, o Kosaque, o Maguila que era o dono da Maha, e tinha mais uns cabeças que eu não me lembro. Aí tinha os caras daqui, né? De todo lugar. Apareceu galera de Ponta Grossa inteira que a gente nem sabia que existia. Daí nessa começou a chover. Tinha uma Kombi, uma Kombi que era da loja que estava lotada de coisa pra dar pra galera: jogo de roda, camiseta, bloqueador solar pro surf, um monte de tranqueirada assim. Daí começou a chover e a galera entrou pro ginásio. Aí o cara falou: ‘Por favor, não vão andar no ginásio.’ Pô você vai falar pra um bando de skatista, naquele lugar liso. Dois toque o povo dominou e o tiozinho ficou bem louco, não parava mais. Daí os caras distribuíram os brindes ali e a chuva acabou com a sessão da galera e não teve mais, né?” (Ricardo)

Com este relato de experiência é possível visualizar como o evento se tornou significativo para o skatista em questão. Um acontecimento como este permite que o sujeito construa ligações emocionais envolvendo a dinâmica configuracional da situação. A maratona de skate, a inauguração da surfskateshop Ângulo, a miniramp, a gincana, os skatistas que estavam envolvidos, os brindes distribuídos e por fim a própria transgressão no ginásio, representam alguns elementos que repercutem na formação psíquica do sujeito. Percebe-se isso pelo entusiasmo com que os skatistas expressam este tipo de experiência. Normalmente, estas memórias eram citadas

quando perguntávamos sobre suas primeiras experiências com o skate. Ao dividir estes momentos, os skatistas vão construindo suas identidades e suas redes de interdependência na configuração do skate.

Demos aqui, duas pistas que entendemos fundamentais na formação configuracional de um grupo de skatistas. Primeiro chamamos a atenção para o espaço da Igreja São José. Este espaço de sociabilidade é um elemento configuracional, visto que as experiências cotidianas vão adquirindo significado social e psíquico na formação do grupo e dos sujeitos em questão. Desta forma, as interdependências se apresentam como fruto das interpenetrações do grupo de partilha local. Temos desenvolvido este argumento desde que tratamos nos capítulos anteriores das praças e das Skate Plazas. Também chamamos a atenção para a repercussão de um evento local na formação configuracional dos skatistas. Na verdade, estes eventos são as expressões mais evidentes do cotidiano dos skaters. No dia-a-dia, é incontável o número de possibilidades de interpenetrações. Os olhares, as pausas entre as *sessions* e a convivência dos skatistas em momentos diferentes da própria realização das atividades com o skate, são também dimensões que fazem parte dos elos de interdependência do grupo de skatistas. Decidimos explorar aqui, na lógica do evento, situações que são diariamente vivenciadas pelos skatistas.

Retomando um pouco o capítulo anterior vimos como os espaços das praças foram tornando-se espaços de partilha dos skatistas a ponto de mudar a própria configuração do skate de rua, principalmente a configuração das pistas que hoje vem sendo construídas. Como principal expressão deste fato, e como referencial configuracional do capítulo anterior tomamos a Love Park. Entendemos que este espaço foi um dos espaços mais representativos de interpenetração do skate de rua, e que principalmente (não somente), a partir dele a disseminação do modelo Skate Plaza aconteceu. Aqui, a experiência São José e o evento relatado por Ricardo, representam nosso referencial configuracional em uma escala menor. Não vamos enveredar pelas demais experiências da década de 90 e da primeira década dos anos 2000, pois já temos argumentos suficientes com relação a potencialidade dos eventos e dos “picos” para o skate para explorar nosso campo de estudo.

Estas notas das primeiras experiências dos skatistas na cidade de Ponta Grossa visam demonstrar o significado dado aos espaços de prática na cidade. Assim como a Love, na Philadelphia, e a São José, em Ponta Grossa, demonstram

ser um espaço de significativo apelo aos skatistas mais antigos. Em um breve levantamento destes espaços configuracionais, poderíamos explorar ainda, entre as pistas, o Banks, o miniramp da Santa Lúcia, a pista próxima ao antigo Aeroanta (conhecida como Pista do Teco), a pista da Nacion, as pistas da Pimps (próxima ao Tozzeto Jardim Carvalho e a conhecida como pista do Cezão próxima ao Colégio Colares), a pista M.D.P., a pista da Skate House, a pista do Rio Verde, a pista da Santa Paula e mais recentemente a pista da Bona. Entre os picos de rua mais significativos poderíamos destacar a própria Igreja São José, o espaço da Feirinha São José, o espaço da Feirinha no Complexo Ambiental, a escada do Guaíra, o Ponto Azul, a Praça Simão Bolivar, a Praça do Sagrada e o Complexo Ambiental. Todos estes foram, e alguns ainda são, espaços de interpenetrações e interdependências na configuração do skate em Ponta Grossa.

O que também esperamos ter levantado com estas notas, é a potencialidade presente nos eventos voltados para o skate na construção de uma configuração social. Já vimos nos modelos de jogo de Elias, como as configurações sociais vão sendo construídas ao longo do tempo a partir de ações e reações dadas em um campo de exercício de poder. Já dissemos que os eventos tanto fazem da configuração uma rede de interdependência social como também fazem com que os sujeitos estejam cada vez mais interpenetrados nesta dinâmica. Deixemos mais uma vez claro que os eventos são apenas expressões máximas de uma vivência que é cotidianamente experimentada pelos skatistas. Tendo esta percepção, trataremos adiante de um evento realizado pelos skatistas no Complexo Ambiental. Mas nossa ênfase recairá no campo de exercício de poder da configuração social dos skatistas de Ponta Grossa.

4.3 A AUTENTICIDADE DO GRUPO ESTABELECIDO

A partir do evento local organizado pelo grupo estabelecido, podemos identificar algumas estratégias que servem como recurso de poder em defesa da identidade e da coesão grupal. A autenticidade das ações realizadas por este grupo é um dos indicativos de seu lugar privilegiado na constelação de forças da configuração do skate em Ponta Grossa. Para se ter uma idéia da situação, é importante saber que este é o único grupo de skatistas na cidade que nos últimos 10 anos teve iniciativas deste tipo. Outros eventos na cidade aconteceram a partir de

iniciativas de empresários locais que, de certa forma, não fazem parte da configuração do skate em Ponta Grossa. Isto porque, do ponto de vista dos skatistas, os empresários, que não andam de skate, estão excluídos das interpenetrações e interdependências do skate cotidiano. Isto significa que, para os skatistas, a autenticidade de um evento ou de qualquer coisa que se refira à cultura do skate deve ter à frente skatistas. Quem não é skatista, na maioria das vezes, tem interesses ‘extra-skate’. Estes são interesses econômicos, os quais não são bem vistos na configuração daqueles que estão inseridos nos elos de interdependência do skate, como revela a fala de um dos skatistas da cidade.

“[...] hoje virou essa porcaria de capitalismo animal, né cara? Porque? Por que o skate estourou na moda e na mídia, daí um bando de gente que não tinha o que fazer e que tem dinheiro resolveu investir no skate agora. ‘Eu tenho uma grana e vou montar uma loja, vou montar uma fábrica, vou montar uma marca.’ Só que daí o cara monta isso, e ele não enxerga as pessoas que andam de skate. Pessoas que mantêm o skate desde aquela época, se não o skate não seria o que tá hoje [...]” (Ricardo)

Esta fala reflete o que dissemos ser a autenticidade do evento realizado pelo grupo de skatistas que hoje consideramos estabelecido no Complexo Ambiental. Este grupo anda de skate e está cotidianamente partilhando o espaço destinado aos skatistas no Complexo Ambiental. Isto faz com que suas ações tenham autenticidade e ainda que estas sirvam de fonte para o vínculo emocional sobre os quais outros skatistas se identificarão em seus elos de interpenetração.

A profundidade destes vínculos é ainda reforçada por um outro indicativo. Além deste elo de autenticidade de suas ações ligadas à própria prática do skate exercida pelo grupo estabelecido, este faz parte de uma imagem que reforça a identidade de uma loja local especializada que pertence a um dos componentes do grupo. Deste modo, o evento não é apenas um ‘evento realizado por skatistas’, o que do ponto de vista dos skaters já autenticaria a sua ação, mas juntamente com este sinal de autenticidade se autentifica a própria imagem da loja que se fortalece no cenário local. Vejamos como um skatista que não faz parte do grupo-carismático faz referência a este fato.

“A única que eu considero uma loja de skate em Ponta Grossa é a Ludo Skates² cara. Porque o Pedro anda. O Pedro tá no meio, né? Tem a molecadinha que torce o nariz pra ele, tem as lojas que torcem o nariz pra ele, eu também pra certas coisas torço um pouco, mas cada um é cada um, né? Mas ele ainda se mantém no skate. Ele mantém os funcionários que andam de skate. Os funcionários param no sábado às duas horas pra ir andar de skate. Então isso daí é o que me mantém vindo pra loja. Porque o cara saiu dali e tá andando com a molecada, a molecada vai tá perguntando que shape que chegou e qual truck, você vai falando e o cara vai vir na tua loja outro dia, né?” (Ricardo)

Este vínculo dos estabelecidos com uma loja de skate local é um fato importante. Uma loja de skate é lugar privilegiado de exercício de poder. Esta tem uma capacidade inquestionável na disseminação de um estilo de vida particular. Consideramos que este estilo de vida é um dos vínculos na construção dos elos de interdependência da configuração social dos skatistas estabelecidos. Tomamos estes vínculos dos skatistas com a loja de skate local como recurso de poder que propicia aos estabelecidos a construção de um grupo coeso e mais elaborado, o que, é claro, ainda permite que o grupo “venda” um ideal de nós e compartilhe seu carisma imaginário de um ponto privilegiado no campo de exercício de poder. Vejamos como outro skatista interpreta a autenticidade do grupo estabelecido partindo de uma questão referente à sua preferência em lojas de compra de roupas e peças de skate.

“Eu compro tudo lá na Ludo Skates, né? Acho que é a loja que começou. A loja que é do skate mesmo. A loja que puxou o skate de Ponta Grossa. Por isso que eu dou valor à loja, tá ligado? As lojas têm uma mentalidade, né? Tem a loja que o cara usa o skate pra ganhar dinheiro e tem a loja que o cara usa o skate pra viver do skate. Isso é totalmente diferente. Por isso acho que rola uma richa. [...] É bom ter a loja do skate, mas não a loja mercenária. Loja que só está aí pra ganhar dinheiro mesmo.” (Júlio)

Associam-se aqui, dois instrumentos de poder influentes nos elos de interdependência configuracional. Isso revela também a interdependência dos instrumentos de poder entendidos como recurso na esfera de ação social. Ao dizer que “a loja é do skate”, implicitamente se percebe que para alguns skatistas existem lojas de skate que não são do skate mesmo que a loja venda produtos relacionados a cultura do skate. Como já dissemos, isto autentica as ações do grupo estabelecido visto que estes têm seus discursos reverberados de um lugar privilegiado na esfera

² Nome fictício.

de ação. Já vimos que ao andar de skate os estabelecidos tem um recurso poderoso no espaço social. Somando-se isto a uma dinâmica de ordem econômica-cultural, o grupo vincula seu estilo de vida na configuração a partir de interpenetrações e interdependências específicas, construindo uma identidade própria. Neste sentido, entendemos que não são as lojas que têm uma mentalidade, como foi dito pelo skatista acima, mas o grupo vinculado a estas lojas que constrói um discurso condizente com suas percepções no âmbito do jogo configuracional.

A questão central aqui é entender como os estabelecidos vão construindo seu discurso, permitindo ao grupo elaborar um ideal de nós e um carisma imaginário a partir de ações cotidianas no espaço do Complexo Ambiental. O referido evento é, para nós, expressão dos recursos de poder mais evidentes utilizados pelo grupo estabelecido. A autenticidade de sua ação, devido à situação configuracional dos estabelecidos na constelação de forças do skate local, permite que estes skatistas tenham uma posição favorável no que se refere à distribuição de poder no espaço do skate do Complexo Ambiental.

4.4 O EVENTO RECREATIVO: UMA REFERÊNCIA AO DISCURSO DO GRUPO ESTABELECIDO

Além da autenticidade do evento, que em nossa interpretação se deu a partir da posição dos estabelecidos na constelação de forças configuracional do skate local, houve um aspecto significativo que nos permitiu identificar outro recurso de poder do grupo de skatistas estabelecido. O próprio título dado ao evento demonstra como o estilo de vida do grupo se reproduz aos auspícios do carisma imaginário grupal.

Segundo relato dos estabelecidos, diferente das competições convencionais, o evento em questão é um “Encontro Recreativo”. Para o grupo, este evento não é uma competição, é uma demonstração da liberdade do skate frente às imposições do tradicional campeonato onde os skatistas teriam apenas um minuto para mostrar suas habilidades.

A expressão encontro recreativo em si carrega o ideal de um skate livre. Isso torna o evento um símbolo da prática do skate pelo skate, o que afirma mais uma vez a autenticidade do evento realizado pelos estabelecidos. A ênfase ao encontro, e não a uma competição, fica clara na faixa que declara expressamente que não é um

campeonato. Mas como isso pode ser usado como um recurso de poder? Por que um encontro recreativo significa mais que um campeonato para os skatistas locais?

Em nossas entrevistas questionamos os skaters sobre sua preferência em relação aos campeonatos tradicionais de um minuto ou sua preferência à realização de competições mais flexíveis no que se refere às regras. 90% dos skatistas em suas respostas tenderam a realização de eventos mais flexíveis com relação às regras impostas pelo modelo de campeonato tradicional. Neste sentido, um encontro recreativo simboliza uma resposta aos anseios dos skatistas locais. A ideia de um encontro recreativo vai além da rigorosidade dos campeonatos tradicionais priorizando um skate mais livre. Sendo assim, este tipo de evento é uma resposta ao anseio dos skatistas que partilham deste ideal, o que reforça os seus elos de interdependência local do grupo de skatistas estabelecido.

Vimos que as estratégias dos estabelecidos em Winston Parva reforçavam sua imagem carismática de superioridade. Encontramos no espaço do Complexo Ambiental a mesma lógica de atuação. Como em Winston Parva, as fofocas também fazem parte dos recursos de poder local, mas estas no Complexo Ambiental vão além, elas se materializam em ações cotidianas como o Encontro Recreativo. Os cabos de guerra silenciosos podem apenas ser interpretados na medida em que vamos adentrando na configuração dos skatistas. O arsenal de superioridade grupal, semelhantemente a Winston Parva, tem relação direta com o local, mas não relação direta com o tempo de ocupação. O grupo estabelecido usa como recursos de poder um estilo de vida próprio com reforço de sua autenticidade no espaço social.

A relação temporal que encontramos no grupo de skatista estabelecido está vinculada as interpenetrações do skate em outras esferas de atuação. O skate de rua em uma escala mundial, segundo os skatistas, já é um espaço de atenção nos Estados Unidos desde a década de 90, enquanto que, no Brasil, os campeonatos ditavam as regras de configuração. As mediações midiáticas da década de 90, já representavam as características urbanas do skate que agora se reproduzem no Brasil com maior intensidade. Vejamos o relato de um dos skatistas que demonstra a processualidade dos vínculos emocionais envolvidos no skate de hoje na área do Complexo Ambiental.

“Na década de 90, quando aqui era visado pista, nos Estados Unidos a galera já estava fazendo vídeo. O Brasil, querendo ou não sempre foi atrasado em relação ao americano. Enquanto lá estavam fazendo

vídeo aqui no Brasil ainda estavam correndo campeonato. A nossa diferença era campeonato, era evento. Com o avanço da tecnologia e da informação, o que acontece hoje em dia, o skate mudou. Hoje em dia, a galera faz vídeo. Hoje em dia, qualquer cara tem uma câmera, tem no celular. Hoje em dia, qualquer celular tem uma camerazinha. Então hoje em dia o cara registra. Hoje em dia o vídeo tem muito mais valor do que um campeonato. O campeonato é um minuto. Um minuto você não consegue provar nada. Antigamente era a única forma de você se expressar. Ninguém tinha câmera. Ninguém tinha filmadora. Antigamente era só fita cassete que tinha que ficar voltando a fita. Os tempos, hoje em dia, são outros. Hoje em dia a galera, as marcas, dão muito mais valor pra um vídeo de skate do que pra uma volta de um minuto. Pelo menos do meu ponto de vista.” (Pedro)

Além desta fala demonstrar a processualidade do skate de rua no Brasil, podemos situar aqui ainda a ideia que acompanhou o Evento Recreativo. Hoje, os campeonatos tradicionais em que o skatista tinha 1 minuto de apresentação, pelo menos em Ponta Grossa, são desprezados pelo grupo estabelecido. Aqui encontramos uma possibilidade de explicação para este fato. Os elos de interdependência do grupo estão situados sobre um skate americano da década de 90. Segundo eles, nesta década no Brasil, a reprodução do skate estava focada nas competições, enquanto que nos Estados Unidos da América a produção visual permitia outras possibilidades de expressão do skate menos normatizadas.

Em Ponta Grossa o skate de rua se associa com o estilo de vida do grupo estabelecido, por este ser o precursor destes ideais. A livre expressão do skate longe das pistas locais e dos campeonatos tradicionais faz com que o grupo se sinta especial na configuração do skate da cidade. Este fato, para nós, significa que seus recursos de poder estão em jogo numa constelação de forças em um nível superior de atuação. O grupo pode referir-se ao pronome “nós” expressando uma dimensão muito além dos limites do Complexo Ambiental, ou mesmo, dos limites de Ponta Grossa. No mínimo, temporalmente as configurações do grupo estabelecido trazem os elos de interpenetração dos Estados Unidos da América da década de 90.

4.5 A TRILHA SONORA DO EVENTO CARISMÁTICO

Além da autenticidade do grupo, da sua posição privilegiada na lógica configuracional e do recurso de poder vinculado a uma crítica à competitividade esportiva, há ainda um elemento estético que contribui para a construção da identidade-nós do grupo estabelecido: a música. No evento realizado, não se escutava outro estilo de música que não fosse o rap. Para grande parte dos

skatistas, é um fato que o estilo de música tem influência direta no estilo do skate praticado. Vejamos como a música torna-se um dos recursos de poder na configuração do skate local.

Os skatistas, ao longo das décadas de 70, 80 e 90, têm estabelecido algumas trilhas sonoras para suas atividades. A trilha sonora mais remota parece ser o rock. A trilha sonora do filme *Dogtown* é uma das referências musicais que inspiravam os skatistas dos anos 70. Led Zepellin, T. Rex e Jimi Hendrix dariam uma *ideia* do tipo de música em cena na configuração dos skatistas deste período. A skatemusic vai aos poucos se desenvolvendo. Alguns skatistas passam a fazer parte de bandas, e até mesmo as mídias especializadas elaboram algumas compilações tornando-se aos poucos a referência musical para o skatista. A revista *Trasher*, por exemplo, nos anos 80, trazia a cada ano coletâneas musicais em uma de suas edições, demonstrando interesse em vincular suas produções visuais com produções musicais.

É tão marcante a relação do skate com a música que algumas categorias já foram levantadas em outros trabalhos visando delimitar uma estética gestual dos skatistas. Olic (2010) levanta três estilos que marcam o skate de modo significativo: O skate-surf, o skate-punk e o skate-rap (OLIC, 2010). Dois destes envolvem nominalmente a música. Mas, poderíamos dizer que os três têm relação direta com ela. Vejamos os argumentos de Olic e fiquemos atentos a sua caracterização.

O skate-surf, segundo Olic, estaria relacionado com as práticas das décadas de 60 e 70. A reprodução dos movimentos realizados pelos surfistas levam os skatistas a realizarem as curvas no asfalto da mesma forma que se realizam batidas nas ondas. O skate-surf lembra os primórdios do skate e suas primeiras incursões pelas ruas das cidades, além, é claro, das piscinas exploradas pelos Z-boys. Neste caso, a referência musical era o rock em voga nos anos 70. O skate-punk, assim como o skate-surf, envolve dois grupos culturais: os skatistas e os punks. Olic declara, que esta associação se dá no início dos anos 80, sendo até hoje um estilo que influencia skatistas de diferentes modalidades. O skate-punk seria inspirado na agressividade do modo de vida dos punks e priorizaria a velocidade dos skatistas em detrimento de técnicas mais elaboradas. Por fim, o skate-rap seria fruto das aproximações entre o skate e a cultura hip hop. Esta relação aconteceria por volta do início dos anos 90, onde os skatistas atentariam menos a velocidade e mais a elaboração de manobras técnicas de giro e manobras de borda (OLIC, 2010).

Estes três estilos indicam algumas interpenetrações decorrentes do processo configuracional do skate. Já levantamos a mesma situação em relação às variadas modalidades do skate. Os skatistas ao longo do processo de formação da configuração vão identificando-se com algumas categorias estéticas, levando-os a ocupar uma posição em um campo de exercício de poder específico. Por este motivo, é possível categorizar. O levantamento feito por Olic é uma representação destas possíveis interpenetrações e interdependências que se realizam ao longo da história e no cotidiano do skatista. Vejamos agora que esta não é uma simples abstração. Apesar de não se ter bem clara as fronteiras de delimitação de acordo com os diferentes estilos, para os skatistas do Complexo Ambiental, estes estilos não apenas existem com relação ao skate propriamente dito, mas ainda em relação a indumentária própria dos dois estilos mais identificáveis nesta configuração.

“O estilo da música acho que influencia tudo, né cara? Eu penso assim, a galera do skate. Tem os caras que escutam rap. Que tem um estilo de roupa mais largadão assim, camiseta mais largona e calça larga. A galera que escuta mais um rock e um som mais rápido se identifica com umas bandas diferente, né? Calça colada, camiseta de banda, camiseta preta e tal. Até um estilo de manobra assim tem. Vamos colocar assim, não sei. A galera do rap anda mais devagarzão e a galera mais punkeiragem, sei lá, dá umas manobras mais rápidas, dá uns ollies, umas manobras com a mão, dá umas inventada nas manobras assim, diferente da galera do rap. Aqui no Parque Ambiental você consegue identificar isso.” (Rodrigo)

“O pior é que existe essa diferença no rolê dos caras por causa do som. Não adianta a gente falar que não porque existe. Não que seja exato, não podemos generalizar também. O cara que escuta rap é um cara do skate mais suave, mais leve, não que ele deixe de pular uns gapão ou descer uns corrimãozinho, nada a ver. Mas eu tô dizendo que na maioria dos casos, o cara que escuta rap geralmente é um cara que já anda mais largado, anda com umas roupa mais largas e anda num estilo de skate diferente. O cara que curte um punk rock já é um cara do estilo mais agressivo, já anda com umas roupas mais coladas. É outro estilo, mas isso daí é coisa de cada um. Se você quiser andar de roupa larga e escutar rock and roll você escuta. Isso vai de cada um, né? Acho que o skate vai de cada um. Isso que eu falei é mais o que acontece, não que isso seja regra. Assim como você pode usar roupa curta e escutar rap. Mas talvez não vai ter muita combinação porque um estilo é diferente do outro.” (Pedro)

“Eu acho que o estilo de música influencia o cara se ele quiser, né? Isso daí vai da cabeça de cada um, se o cara se inspira nos gangueiro que toca as músicas rap e quer andar igual os caras o cara anda. Mas igual eu: ao mesmo tempo que eu olho os caras gangueiro e eu acho uma manobra legal, eu falo que vou tentar. Mas acho que não me influencia o negócio da música. Acho legal o cara mesmo. Mas tem uma diferença sim. Porque geralmente os caras de som mais rápido são mais agressivos. Não é regra, mas querendo ou não os gangueiros, como eu falei, meio que se fecham no Parque

Ambiental. Caixotinho, anda devagar, manobra técnica... Enquanto os caras que escutam um som mais agressivo, um punk rock, já se jogam em umas coisas que muita gente não ia ter coragem, né? Eu acho que o rolê agressivo é mais intenso. Querendo ou não deixa mais intenso o rolê. De leve você consegue ver né, na criatividade das manobras. Tem nego que não dá certas manobras porque é de punk. Tem várias manobras que não são dadas porque é fora de moda. Igual kikiflip: é a manobra que mais os caras querem dar. Daí tem outras manobras que os caras não querem nem pensar em dar. Hard Hell Flip é excluída assim da session da galera. Daí tem várias manobras que são de punk e que poucos dão. Acho que mais por falta de tentar, ou que não é tão legal assim, ou sei lá porque. Bones é uma manobra old school que nenhum desses gangueiros coloca a mão no skate. Ou mesmo No Complaint, essas brincadeiras assim com o skate que os caras não dão valor. Mas querendo ou não, se for usada com criatividade fica tão bonito quanto um kikiflip. Mas tem a velocidade também e até onde eles andam, né? Não tem nenhum trilha ali no Ambiental, um cano, porque os piá gangueiro não gostam de andar em cano. Não gostam de dar manobras em cano. Não sei porque né, mais tem quem ande também, mas a minoria também.” (Matheus)

Em termos bem claros, conseguimos visualizar duas das categorias levantadas por Olic. O skate-punk e o skate-rap podem ser identificados no Complexo Ambiental se atentarmos com sensibilidade a este espaço social. Os níveis de agressividade, de velocidade e de técnica, que foram levantados por Olic em seu trabalho, para nós, indicam delimitação de grupos sociais dentro da configuração dos skatistas do Complexo Ambiental. O skate-punk, além de ser um skate mais agressivo e intenso em velocidade, caracteriza seus adeptos pela indumentária herdada do movimento que lhe subsidia. Nos discursos acima vemos que aqueles que andam com roupas mais justas são facilmente identificados como aqueles que pertencem a determinados grupo, no caso os justos punk-skaters. Por outro lado vemos que os largados, ou seja, aqueles que usam roupas mais largas são identificados com aqueles skatistas que fazem parte de um grupo de adeptos do skate-rap. Até mesmo algumas variáveis das manobras e dos obstáculos são enfatizados em cada uma das tipologias de modelo estético referentes a um padrão musical.

Entendemos que estas variáveis estéticas se manifestam no Complexo Ambiental como instrumentos de poder do grupo estabelecido. A partir do evento local realizado pelo grupo, procuramos demonstrar como é possível cotidianamente reforçar os elos de interdependência e de interpenetração de um ideal de skatistas locais. A trilha sonora do evento é uma manifestação prática de um recurso de poder empregado pelo grupo estabelecido no campo de exercício de poder que,

conscientemente ou não, influi nos processos de interpenetração. Já trouxemos, a partir da experiência com eventos, as ligações emocionais que podem ser estabelecidas pelos skatistas neste tipo de ritual de inteiração. A trilha sonora dos eventos, ou mesmo a experiência dos skatistas com a skate-music no dia-a-dia, é um dos aspectos que podem ser reconhecidos nas teias de interdependência das mais variadas escalas da configuração do skate. No caso da música, é certo que o skatista associa-se não apenas a um estilo musical específico, mas ainda associa-se a uma estética de gestos pela qual é possível reconhecer sua identidade-nós.

No evento que participamos já dissemos que a trilha sonora era marcada pelo rap. O skate-rap, como já vimos também, tem uma estética de gestos voltadas para uma técnica, uma velocidade e até mesmo alguns obstáculos de atenção específicos. Sendo assim, a música envolverá elos de interpenetração e de interdependência que terão como parâmetro determinadas qualidades. Sob essa configuração se dão as ligações emocionais dos grupos envolvidos na constelação de força. Os skatistas, ao mesmo tempo que construirão sua identidade-eu, construirão sua identidade-nós, em decorrência das ligações estabelecidas na constelação de força. Vejamos as consequências disso a partir do relato de um skatista:

“Geralmente nos campeonatos, sempre rolava as bandas conhecidas, né? Toca um rock também, metal, reggae, rap, um som que estava inserido desde o começo no meio do skate, né? Sem divisão nenhuma como é hoje. Hoje tem as turminhas assim e as turminhas assado, e o skate continua a mesma coisa, né? Mas é igual eu falo: essa coisa veio... Deixa eu pensar... Essa turminha que ficou de um lado e a turminha que ficou do outro... A turminha que ficou de um lado era a molecada nova que estava escutando rap se achando os tal, os bambambam, do outro lado eram os caras velhos que escutavam rock e queriam se achar em cima da molecada. Ensinar a molecada que não era bem assim, daí dava esse combate ali, né? [...] na época tinha festa do campeonato e o som que rolava era tudo cara. Era tudo essa mistura que a gente ouvia. Hoje eu tenho raiva de chegar no campeonato e ouvir aquela mesma batida o tempo inteiro. O tempo inteiro a mesma coisa. Pera aí, cadê a evolução? O skate evoluiu ou se fechou? Eu penso que é um saco isso. Não ter a diversidade ali. Todos os caras parecem que são a mesma coisa. Se vestem idêntico, ouvem a mesma coisa, pensam da mesma forma, [...] Pera aí cara, o que que tá acontecendo com o skate?” (Ricardo)

O skatista deste relato tem mais de 20 anos de skate. Ele consegue fazer um balanço processual da configuração do skate em Ponta Grossa. Relembra as trilhas sonoras dos campeonatos nos finais dos anos 80 e início dos anos 90, evidenciando

a diversidade musical do período. Ao longo do tempo, afirma que uma outra geração de skatistas inseriu-se no campo de exercício de poder trazendo um estilo de música específico, criando um combate estético intergeracional. Este combate, como já dissemos, é um combate gestual na estética da configuração do skate em Ponta Grossa. A nosso ver, na década de 90, a estética do skate que envolvia os estilos musicais do rock e do rap já davam sinais de uma mudança na distribuição de poder na configuração do skate local. A extensão deste processo é o que encontramos hoje. Isto inquieta este skatista em especial porque as interpenetrações e interdependências estabelecidas da geração de skatistas da década de 80, são constantemente confrontadas com as ligações emocionais da geração posterior. Por esse motivo o skatista coloca a questão de um possível fechamento na cultura do skate, evidenciando que existe uma tensão em jogo onde a estética é usada como um recurso de poder na constelação de forças da configuração local. Esta manifestação é cotidiana, mas está aqui sendo explorada a partir do evento de skatistas específicos na lógica do poder configuracional, por entendermos que representa o ápice da instrumentalidade do grupo estabelecido. Isso se expressa como raiva no discurso de um skatista que, mesmo com todo seu tempo de skate, neste caso, seria considerado como um outsider.

A música é um dos mais influentes recursos de poder utilizado pelo grupo estabelecido. Na experiência de um evento, novos skatistas estabelecem ligações emocionais com toda essa experiência social, especialmente a música que envolve todo o ambiente. Junto com a música, uma estética de gestos vai aos poucos sendo incorporada, até porque novos skatistas não conseguem visualizar com tanta propriedade a configuração social de um ponto privilegiado. Este é um processo que vai acontecendo aos poucos na formação da identidade-eu e da identidade-nós, o que contribuirá para a formação de grupos na configuração do skate local. Esta estética musical e gestual é um dos pontos centrais também na configuração espacial das Skate Plazas. Veremos, por fim, como este e os demais recursos de poder servem a lógica do grupo estabelecido que rotinizaram o espaço social dos skatistas no Complexo Ambiental.

4.6 A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO CARISMÁTICO NA SKATE PLAZA DO COMPLEXO AMBIENTAL

Esperamos ter explorado suficientemente os elos de interdependência da configuração social de skatistas do Complexo Ambiental para dizer que existe a construção de um discurso carismático que influenciou significativamente no espaço de prática local. A opção pelo modelo Skate Plaza está vinculada a variados elos de interpenetração dispostos em escalas superiores de atuação. O grupo responsável pelas obras no Complexo Ambiental, grupo que tomamos aqui em alguns momentos como grupo estabelecido e em outros momentos como grupo carismático, se apropria de determinadas categorias estéticas para construir um discurso coerente e convincente para justificar e defender seu estilo de vida comum. A escolha do grupo estabelecido por modalidades específicas, espaços de prática, obstáculos de preferência, críticas às competições tradicionais, construção de uma identidade musical e a estética de gestos são recursos de poder identificados na constelação de força configuracional. Estes recursos dão sentido às ações do grupo carismático por ter capacidade de construir um discurso ordenado e coerente que falta aos demais skatistas. A partir disso, é possível construir uma auto-imagem de grupo ideal estabelecendo barreiras afetivas entre grupo-nós e grupo-eles.

Podemos dizer que o discurso coerente do grupo carismático faz parte das fantasias coletivas da configuração de skatistas do Complexo Ambiental. Dada as interpenetrações e interdependências, vemos como os recursos de poder estão dispostos na constelação de forças configuracionais dinamizando o processo social. A defesa de algumas categorias estéticas no campo de exercício de poder criam fronteiras grupais ainda que sejam estas fronteiras silenciosas. Se bem demarcadas, as barreiras emocionais que delimitam o grupo-nós e grupo-eles, as tensões inerentes à prática social ficam mais evidentes. Além disso, a cooperação do grupo estabelecido indica que o processo da configuração dispõe de elementos integradores e de elementos desintegradores, sendo estes motivo de enfrentamentos no campo de exercício de poder. Os cabos de guerra silenciosos se dão na constelação de forças pela distribuição de poder local. A configuração passa a ser percebida como uma dinâmica de interpenetrações e de interdependências de ligações emocionais dos grupos e dos sujeitos dispostos em uma rede complexa de significados. Esta rede complexa é a configuração do skate em uma escala maior, e os enfrentamentos que analisamos neste trabalho estão dispostos na escala local.

Esta dinâmica de distribuição de poder na constelação de forças do Complexo Ambiental pode ser positiva ou negativa para os grupos e para os sujeitos. Se por

um lado temos aprovação daqueles que se dispõem em aceitar o estilo de vida proposto pelo grupo estabelecido, por outro lado temos punição emocional para aqueles que não se adaptam as condições normativas da estética carismática. Ao longo desse trabalho podemos identificar alguns recursos utilizados pelo grupo estabelecido na “sociodinâmica da estigmatização” (ELIAS, 2000, p. 23). Vejamos eles, ainda que brevemente.

Há pelo menos três termos estigmatizantes que podem ser tomados a partir do levantamento dos recursos de poder que abordamos neste estudo. Da parte do grupo estabelecido, os meios de controle social se dão a partir da qualificação “pistoleiros”, “campeoneiros” e “punks”. Os pistoleiros seriam aqueles skatistas que realizam suas atividades também em pistas de skate. Diferentemente do skatista de rua, os skatistas que praticam suas atividades nas pistas frequentam lugares preparados para o skate. Principalmente o uso de rampas qualifica estes skatistas como pistoleiros. Os campeoneiros são aqueles que, além de participarem com mais frequência das competições tradicionais, elaboram uma rotina de apresentação convencional. Geralmente os campeoneiros são também pistoleiros, isto porque grande parte dos campeonatos tradicionais acontecem em pistas. Por fim, os skatistas punks, como já dissemos, tem uma estética de gestos específica. A velocidade, as manobras e a própria indumentária são as principais características que revela este termo.

É necessário dizer que estes termos não são termos herméticos. Há uma variação grande de possibilidades nas configurações sociais de vínculos de interdependências que fazem dos skatistas, e dos grupos de skatistas, uma diversidade imensurável. O que fazemos aqui tem um espaço e um tempo delimitado, e ainda mais. Como o relacionamento configuracional neste aspecto é tácito, a manifestação cotidiana é, em certo sentido, restrita, e no dia-a-dia a sublimação de algumas fronteiras são necessárias para que a convivência em um mesmo espaço social aconteça de modo relativamente pacífico. Deste modo, somente se vivenciarmos as experiências cotidianas com os skatistas podemos ter mais claros os elos de interdependências que os ligam. Temos ciência de que os termos estigmatizantes apontados neste trabalho ainda carecem de interpretações mais concisas. Isso ocorre em virtude da complexidade dos processo de interpenetração. O que podemos afirmar, é que estes termos fazem parte do

discurso carismático e através deles o grupo estabelecido potencializa sua auto-imagem e a sua superioridade grupal.

Por outro lado, o grupo de skatistas que carece de um discurso coeso, acaba ameaçando o grupo estabelecido através das próprias categorias estigmatizantes. Os skatistas não deixam de andar em pistas convencionais, não deixam de participar de campeonatos e não deixam partilhar uma diversidade musical. Mesmo que haja defesa de um estilo de skate específico, isso de parte do grupo carismático, é certo que não se pode limitar o desejo a partir de categorias estéticas selecionadas. Mesmo na Skate Plaza do Complexo Ambiental, um espaço que tomamos aqui como condicionado pelas interdependências de um grupo estabelecido, observa-se o contra ataque tríplice dos dissidentes. Como bem frisado por Norbert Elias, os outsiders ameaçam o monopólio das fontes de poder, ameaçam o carisma coletivo e as normas grupais estabelecidas (ELIAS, 2000). Deste modo, a dinâmica do jogo configuracional na Skate Plaza do Complexo Ambiental, desenvolve-se, e ao mesmo tempo entrelaça-se, no partilhar das interdependências e das interpenetrações do skate contemporâneo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho procuramos com cuidado seguir a perspectiva de análise das configurações sociais de Norbert Elias. Primeiramente, esperamos ter deixado claro os conceitos básicos da sociologia eliasiana, apontando para as interdependências e interpenetrações envolvidas no processo social de formação de grupos. Seguindo a figuração estabelecidos-outsiders, levantamos aspectos interpretativos que indicam as consequências emocionais de um processo grupal. Estes elementos, e as próprias expectativas levantadas por eles, nos levaram a investigação dos possíveis elos de ligação dados pelo grupo social. Percebemos que as cadeias de interdependência dos grupos sociais estão vinculadas à história e à reprodução desta história, somadas às transformações decorrentes do exercício de poder cotidiano. Isto nos levou a buscar traços que indicam os possíveis elos de interpenetração dos skatistas do Complexo Ambiental. Ao entender que a prática dos skatistas em praças do mundo inteiro alteraram a configuração social destes skatistas, isto através da disseminação midiática de imagens, apontamos para os elos de interpenetração que influíram na concretização da Skate Plaza no Complexo Ambiental.

O modelo Skate Plaza tornou-se central visto que os skatistas se referiam constantemente à especificidade dos obstáculos preconizados por ele. É necessário frisar que nem todas as Skate Plazas seguem o modelo que vimos no Complexo Ambiental. A justificativa dada pelo grupo responsável pela obra é a incapacidade do espaço em absorver a grande quantidade de skatistas locais. Mesmo relativizando o modelo Skate Plaza, ao explorar outros aspectos que caracterizam o grupo social, é possível visualizar barreiras emocionais levantadas em um campo de exercício de poder. A construção de um discurso, o qual chamamos de discurso carismático, representa o poder envolvido na constelação de forças grupais manifestas diariamente na Skate Plaza. Os recursos de poder, ao mesmo tempo em que delimitam as fronteiras grupais, alimentam as fantasias coletivas da configuração dos skatistas. Exploradas algumas categorias estéticas e a autenticidade de um grupo específico em um campo de exercício de poder, onde se ocupa uma posição privilegiada, transparecem as cadeias de interdependência dos skatistas do Complexo Ambiental.

Como vimos, o discurso carismático se sustenta no reforço da auto-imagem

do grupo responsável pelas obras no Complexo Ambiental. A coesão, a identificação e normas comuns quanto às categorias estéticas como obstáculos de referência, estilos musicais e um skate desvinculado das competições instituídas, são as expressões principais identificadas na configuração do grupo que entendemos como grupo estabelecido. Como este grupo estabelece para si um estilo de vida comum, é possível que o mesmo construa uma lógica de afetos fundada nas interpenetrações e interdependências emocionais com que se vinculam. Diferentemente da maior parte dos skatistas do Complexo Ambiental, este grupo funda seus elos em uma escala de atuação de nível superior. Isto evidencia uma inserção maior na dinâmica configuracional do skate, autorizando o grupo estabelecido ao exercício de poder mais qualificado. Vimos, com Norbert Elias, que o uso de recursos de poder em um lugar privilegiado da configuração é um meio de manter a superioridade social. Mesmo que estas questões sejam, em certa medida, afetivas e emocionais, elas se concretizaram na construção da Skate Plaza.

Chamamos rotinização do carisma o modelo Skate Plaza instituído no Complexo Ambiental. Aproximamo-nos deste conceito dado as leituras do carisma grupal em Norbert Elias, e associação do conceito de Max Weber (2009) do primeiro volume de seu clássico *Economia e Sociedade*. Este não é o espaço para nos debruçarmos nas especificidades de cada leitura do conceito carisma. Limitamo-nos a afirmar que o caráter permanente da Skate Plaza do Complexo Ambiental, é uma forma de “dominação cotidiana” do grupo carismático (WEBER, 2009, p. 165). O discurso construído pelo grupo estabelecido é um recurso de poder coletivo, que defende uma identidade grupal carismática. A missão do grupo é defender um “ideal do nós” e assegurar seu poder. Entendemos que a Skate Plaza é o meio material que representa dominação no espaço social do grupo de skatistas de Ponta Grossa. Mesmo na complexa rede de interdependência dos skatistas no mundo, podemos encontrar sentido no desconforto emocional causado pela construção da Skate Plaza do Complexo Ambiental.

Algumas especificidades da sociologia eliasiana não puderam ser exploradas neste trabalho. Conceitos pertinentes a abordagem configuracional, como a Sociogênese e a Psicogênese, aprofundariam as mediações entre as interpenetrações e as interdependências levantadas aqui. Mesmo tendo coletado uma quantidade de dados considerável, seria necessário debruçar mais sobre os discursos para que pudéssemos adentrar com mais propriedade o campo

configuracional. A ideia de Processo Civilizador e das cadeias de interpenetrações e interdependências a longo prazo envolvem uma quantidade imensurável de elementos vinculados a perspectiva bio-psíquico-social. Explorar a grande dimensão destes processos é o desafio colocado pela sociologia configuracional.

Nos limites deste trabalho o que podemos afirmar é que a construção de mitos sociais, e dos discursos elaborados que justificam estes mitos, permeiam a relação do grupo de skatistas em Ponta Grossa, mas as interpenetrações, as interdependências e seus laços emocionais figuram a existência humana de uma forma complexa dada no cotidiano até mesmo em simples olhares. Cabe a nós, como Elias nos alertou, tentar deixar cada vez mais transparentes estes elos que nos ligam, e ainda desvendar o Processo Civilizador ao qual estamos sujeitos. Isto, mesmo que em atividades de lazer como a dos skatistas do Complexo Ambiental.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, Billy Graeff. **Estilo de vida e trajetórias sociais de skatistas:** da "vizinhança" ao "corre". 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- BRANDÃO, Leonardo. **Corpos deslizantes, corpos desviantes:** a prática do skate e suas representações no espaço urbano (1972-1989). 2006. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados.
- BRANDÃO, Leonardo; HONORATO, Tony (org.). **Skate & Skatistas: questões contemporâneas.** Londrina: UEL, 2012.
- BRITTO, Eduardo. (org.). **A Onda é Dura:** 3 Décadas de Skate no Brasil. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- DEURSEN, Tiago Wright Van. **Sobre o skate sobre a cidade.** 2009. Trabalho de Graduação (Arquitetura e Urbanismo). Universidade de São Paulo.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia.** Lisboa: Edições 70, 2008.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders.** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FIGUEIRA, Márcia L. M. Skate **Para Meninas:** Modos de se fazer ver em um esporte em construção. Porto Alegre. 2008. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- GARRIGOU, Alain. "O "grande jogo" da sociedade". In: GARRIGOU, A e LACROIX, B. Norbert Elias: **A política e a história.** São Paulo: Perspectiva, 2001. p. 65 - 88.
- GOFFMAN, Erving. **Ritual de Interação:** Ensaio sobre o comportamento face a face. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- HONORATO, Tony. **A tribo skatista e a instituição escolar:** o poder escolar em uma perspectiva sociológica. Piracicaba/SP. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Metodista de Piracicaba.
- MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. Entre as ruas e as pistas: a prática do street skate na cidade de São Paulo. In: **27ª Reunião Brasileira de Antropologia,** 2010, Belém - PA. Anais da 27ª RBA, 2010.
- MAX, Weber. **Economia e Sociedade** (Volume 1). Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2009.
- OLIC, Mauricio Bacic. **Entre o liso e o estriado:** Skatistas na Metrópole. São Paulo. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica

de São Paulo.

REVISTA 100% SKATE. 2011. N. 154.

RIBEIRO, Marcos Cunha. in. **A Onda é Dura: 3 Décadas de Skate no Brasil**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

UVINHA, Ricardo Ricci. **Juventude, lazer e esportes radicais**. São Paulo: Manole, 2001.

UVINHA, Ricardo Ricci. **Lazer na adolescência: Uma análise sobre os skatistas do ABC paulista**. São Paulo. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas.

Sites:

<<http://cwb-arsenalbmx.blogspot.com>> Acesso em: 8 nov 2011.

<<http://espnbrasil.espn.com.br>> Acesso em: 8 nov 2011.

<<http://robdyrdekfoundation.org>> Acesso em: 8 nov 2011.

<<http://skateboarders.le-site-du-skateboard.com>> Acesso em: 8 nov 2011.

<<http://shit-cake.blogspot.com>> Acesso em: 8 nov 2011.

<<http://www.cbsk.com.br/>> Acesso em: 8 nov 2011.

<<http://www.converseskateboard.com.br>> Acesso em: 8 nov 2011.

<<http://www.skatevideosite.com>> Acesso em: 8 nov 2011.

<<http://www.tsavkko.com.br/>> Acesso em: 8 nov 2011.

APÊNDICE 1 – ROTEIRO BÁSICO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS

1. Nome:
2. Idade:
3. Trabalha ou estuda?
4. Com que frequência anda de skate?
5. Quanto tempo de skate?
6. Por que começou a andar?
7. Sua família apoia o skate? O que eles pensam sobre?
8. Onde mora? Por que vem ao Parque Ambiental e não às pistas locais?
9. Prefere andar na rua ou na pista? Por quê?
10. Qual é a importância do Complexo Ambiental para o skate em Ponta Grossa? O que podia melhorar? E as outras pistas da cidade? Qual seria seu projeto de pista (plaza ou transições)?
11. Já participou de campeonato? Prefere a freesession ou a tradicional volta de 1 minuto (competidor ou freeskater)? Por quê?
12. Qual sua preferência musical? Acha que o skate influenciou nas suas escolhas musicais? No skate acha que há predominância do rap?
13. Onde compra suas roupas e as peças para seu skate? Tem preferência por lojas?
14. Você acha que os skatistas de Ponta Grossa são unidos?
15. O que é o skate para você?
16. Quais são suas expectativas com relação ao skate? Pretende ser um atleta?